UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JORNALISMO

OTTO LARA RESENDE E A CONVERSA: CRÔNICA E CARTA

VICTOR BRAGA CALCAGNO

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JORNALISMO

OTTO LARA RESENDE E A CONVERSA: CRÔNICA E CARTA

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

VICTOR BRAGA CALCAGNO

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Pires

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Otto Lara Resende e a conversa: crônica e carta**, elaborada por Victor Braga Calcagno.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia .....//.....//.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Pires

Doutora em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras - UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Beatriz Vieira de Resende

Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Faculdade de Letras - UFRJ

Faculdade de Letras - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

CALCAGNO, Victor Braga.

Otto Lara Resende e a conversa: crônica e carta. Rio de Janeiro, 2017.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Paulo Roberto Pires

A grande obra de Otto Lara Resende é a conversa. Deviam por um taquígrafo atrás dele e vender suas anotações em uma loja de frases.

Nelson Rodrigues

CALCAGNO, Victor Braga. **Otto Lara Resende e a conversa: crônica e carta**, 2017. Orientador: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho investiga a relação do escritor e jornalista mineiro Otto Lara Resende com a conversa e a oralidade, além da irradiação desse fator na produção de suas crônicas e cartas. A partir de entrevistas com amigos e parentes, episódios célebres em sua vida e textos de OLR, procura-se retomar o personagem lembrado como habilidoso *causeur* e compreender até que ponto a persona corresponde totalmente à sua natureza. Analisando textos clássicos sobre a arte de conversar, busca-se entender o que a conversa de Otto tinha de mais característico e de que forma se manifestava. A partir das crônicas que escreveu para a *Folha de S. Paulo* na década de 90 e as cartas destinadas a amigos, buscam-se indícios da atuação da conversa nesses escritos, além de sua relação com a natureza desses textos em primeiro lugar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 1
2. QUEM É OLR? 5
2.1 Biografia 5
2.2 Conserve da vida apenas o essencial 13
3. A CONVERSA 16
3.1 Como Otto conversava 16
3.2 Otto, obsessão rodrigueana 22
3.3 Dupla natureza 25
3.4 Otto e a conversação teorizada 29
4. CONVERSANDO NA OBRA 33
4.1 Crônicas 33
4.2 Cartas 39
4.3 Escrita como extensão da conversa 44
5. CONCLUSÃO 48
BIBLIOGRAFIA 50

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de investigação tem como objeto o jornalista e escritor mineiro Otto Lara Resende (1922-1992) e sua célebre habilidade para conversar, bem como a implicação que tem essa característica em suas cartas e crônicas. Otto, expoente do grupo mineiro chamado por Mário de Andrade de "os vintanistas" (junto a Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino), apesar de ser bastante entendido em literatura, ter trabalhado décadas na imprensa, privado da amizade e prestígio de grandes nomes das artes, política e literatura, deixou publicados um romance e cinco livros de contos que não obtiveram sucesso ou reconhecimento da crítica. O dom normalmente ligado ao seu nome, repetidamente louvado por amigos como Nelson Rodrigues, é estampado em uma frase que o dramaturgo imortalizou na peça *Bonitinha mas ordinária ou Otto Lara Resende*: "A grande obra de Otto Lara Resende é a conversa. Deviam pôr um taquígrafo atrás dele e vender suas anotações em uma loja de frases".

São numerosas as histórias em que Otto e a conversa aparecem como dois amigos íntimos, extremamente contentes um com o outro, exalando mais que uma relação de companheirismo, mas de identidade. Esses episódios apontam, como diz Benicio Medeiros, autor de *Otto Lara Resende: a poeira da glória*, para um personagem mundano, disponível, com quem é fácil simpatizar. Essa relação, a maneira pela qual se manifestava e as ocasiões em que se apresentava são buscadas aqui de forma a entender até que ponto Otto, enquanto alguém que trabalha escrevendo, tem na língua falada um contraponto importante para sua habilidade com a palavra escrita, com o humor e as frases de efeito. Como Otto conversava? e De que maneira isso aparece em seus escritos? são as duas perguntas que direcionam o trabalho. A intenção é entender de que forma a conversa aparecia pelas mãos de Otto, o que tinha de tão sedutora, quais os aspectos a diferenciavam de outros colegas, se era sempre apresentada da mesma forma, se tinha alguma característica que se repetia sempre, se servia apenas para deleitar os interlocutores, se podia ofender e menosprezar as pessoas, além da frequência com que acontecia. Para isso, a intenção foi reunir a maior quantidade de histórias, referências, trechos de obras e registros gravados digitalmente que retomem o *causeur* em seu formato mais livre, nativo e despreocupado. Muitas dessas questões serão respondidas a partir de entrevistas com

pessoas que conviveram com Otto no trabalho ou em casa e que, principalmente, conversaram com ele, guardando na memória sua *expertise* técnica para a conversa.

Se Rubem Braga dizia que Otto era de quem o pegasse primeiro, "como passarinho", o jornalista Humberto Werneck, que conviveu com OLR, estica a definição dizendo que, na lógica da mesma comparação, o escritor mineiro era também difícil de capturar. Nesse sentido, Werneck aponta para um Otto que muitas vezes se cansava da própria fama de conversador inveterado e procurava fugir das ocasiões em que o intimavam a fazer piadas, pingar frases de efeito e dar mostras de sua genialidade verbal, como personagem prisioneiro de si mesmo. Ao contrário da figura disponível e de fácil acesso, diz Werneck que OLR sempre dava a "impressão de estar indo embora". Para compreender esse Otto que se aprofundava além da figura que ficou conhecida, serão apresentados diversos trechos em que o escritor e jornalista se mostra alguém mais complexo do que aponta a persona que ficou famosa, no que o filho Bruno Lara Resende chamou de "um poço de contradições".

Sobre os gêneros escolhidos para abordagem, o da crônica e o da carta, o trabalho vai investigar, em primeiro lugar, em que medida o talento do escritor e a maior liberdade que tinha, em ambos, podem dar vazão às características de uma conversa. Como missivista obsessivo, com correspondência que se equipara, em volume, à de Mário de Andrade, Otto tem nas cartas a oportunidade de se expressar sem o assombro da publicação que o acompanhava em seus trabalhos de ficcionista, pensados para serem livros. Sem as amarras que o obrigavam a reescrever incessantemente, caso de seu único romance, *O braço direito*, reescrito por mais de três décadas, nesses textos OLR segue os caminhos da intimidade, do humor e da confidência. As correspondências são abordadas a partir dos dois volumes publicados postumamente, *O Rio é tão longe – Cartas a Fernando Sabino* e *Mares Interiores*, em que escreve a Murilo Rubião.

As crônicas, por sua vez, apareceram na vida de Otto tardiamente, dois anos antes de sua morte, quando é chamado para ser cronista diário na *Folha de S. Paulo*. Os textos do gênero, nunca antes praticado por OLR, tornam-se um sucesso rapidamente e parecem encontrar no autor um velho conhecido. O material é abordado a partir de *Bom dia para nascer*, livro que seleciona alguns textos desse período. Tanto nas cartas quanto nas crônicas, a intenção é

investigar o quanto a conversa de Otto está presente, de que maneira se encontra com a palavra escrita e que ressonância tem essa relação com os dois gêneros.

Inicialmente, no primeiro capítulo, uma breve biografia do escritor e jornalista é apresentada, de forma a situar o leitor nos aspectos mais técnicos de sua vida, desde os lugares em que trabalhou, até as pessoas que conheceu e os livros que deixou publicados. Como mineiro de São João del-Rei, a paisagem interiorana, os ritos católicos, a família tradicional e a educação erudita que teve são claros indícios da personalidade que levaria até o fim, além da implicação desses elementos em sua obra. Marca esse trecho de sua vida a extrema habilidade que tinha para conhecer novas pessoas, muitas delas de grande importância para sua formação. Ainda em Minas, como um jovem adulto, por exemplo, Otto já era amigo, além dos outros "vintanistas", de Carlos Drummond de Andrade, Murilo Rubião, Pedro Nava, Murilo Mendes, Emílio Moura, Autran Dourado, entre outros. Além disso, o ingresso precoce tanto na imprensa quanto no funcionalismo público, ainda adolescente, marca a intensa relação de Otto com essas duas atividades, também perene. Figura polivalente nas ocupações profissionais, dos cargos públicos até as salas de aula, passando por estadias fora do país, a indefinição vocacional sempre foi um tema espinhoso. Mais que incerteza, a falta de consolidação profissional, principalmente no fim da vida, o fazia remoer o tempo não dedicado às letras, surgindo daí um personagem mais obscuro.

No capítulo seguinte, dedicado à conversa em si, serão reunidos a maior quantidade de pistas escritas, depoimentos, lembranças e episódios em que Otto, de fato, aparece conversando ou em que essa sua habilidade é evocada de alguma maneira. Para isso, são utilizadas entrevistas com o amigo de infância de OLR e veterano da imprensa, Wilson Figueiredo, o organizador das crônicas e cartas de Otto, além de amigo, Humberto Werneck, e um dos quatro filhos que o escritor teve com a esposa Helena Pinheiro, Bruno Lara Resende. A relação de Otto com Nelson Rodrigues, muito responsável por ter popularizado OLR, será abordada de forma a compreender até que ponto a figura falastrona e bem-humorada não se desenhava apenas como um personagem do dramaturgo. Também são retomadas formulações teóricas a respeito da conversa como um formato de expressar ideias que segue uma lógica definida, tem suas maneiras de funcionar melhor e faltas a serem evitadas. As referências são tomadas a partir, principalmente,

de Michel de Montaigne, autor do ensaio “Da arte de conversar” e de André Morellet, autor de um guia de boa conversa no século XVIII.

Por fim, no terceiro e último capítulo serão expostas as crônicas e cartas escritas por OLR de forma a compreender até que ponto a conversa e a oralidade características de Otto estão nesses dois formatos. Importante atentar para as dimensões que toma a língua oral falada por Otto nas ruas quando se torna língua escrita no papel de carta e jornal. Será investigado em que medida a conversa fiada ajuda no desenvolvimento desses textos e até onde pode-se dizer que uma é extensão da outra. Mais ainda, o capítulo procura localizar a originalidade de Otto nesses formatos e relacioná-lo com sua natureza inclinada ao frasista e ao *homme de lettres* pela qual ficou conhecido. Críticos como Antonio Candido serão retomados para uma melhor compreensão da crônica e sua relação com a conversa.

Em todos os três capítulos, a figura de Otto Lara Resende não será subestimada ou tomada como certa, fácil, definida. O trabalho procurará dar a oportunidade do autor aparecer em todas as suas facetas e contradições, no que pontuou em outra de suas frases: “sou um falante que ama o silêncio.”

2. QUEM É OLR?

Sou exatamente o menino que aos nove anos foi declamar um verso de Antero de Quental e se perdeu.

Otto Lara Resende

Como forma de conhecer o personagem, saber suas origens e a trajetória que teve na imprensa e na literatura, o capítulo traz uma breve biografia de Otto Lara Resende com suas influências, primeiros trabalhos, os veículos pelos quais passou, além das ocupações que teve durante a vida, que fazem rasa a definição de "jornalista e escritor". Mais ainda, é ressaltada a indefinição e angústia que OLR sentia, principalmente quando mais velho, em não ter seguido carreira mais firme em qualquer um desses cargos, característica marcante de sua natureza.

2.1 Biografia

"Quem é OLR?", pergunta o amigo Paulo Mendes Campos a Otto Lara Resende em entrevista publicada na edição de 26 de abril de 1975 da revista *Manchete*. Diz ele: "Difícil responder sem cair no abismo insondável. Eu sou daquele tipo de chato a quem não se pode perguntar como vai. Porque respondo, explico, entro em pormenores." (LARA RESENDE In: LONGO DOS SANTOS, 2002, p. 27).

No longo texto recheado de reminiscências, Otto, meio a contragosto, tenta definir-se. Jornalista, escritor, advogado, funcionário público, professor, diplomata, personagem bissexto da televisão. Não sabe dizer, e talvez nem o deseje. Na época, aos 52 anos, o "pobre menino do Matola, de São João Del-Rei" já vira muitas coisas desde a infância no interior de Minas Gerais, época que marcaria sua ficção, até a desatinada juventude belo-horizontina e a consolidação no Rio, passando por alguns anos na Europa. Em todo esse tempo, acumulou episódios memoráveis vividos na imprensa, conviveu com a intelectualidade de seu tempo, escreveu discursos para políticos importantes, além de livros subestimados pela crítica, tornou-se personagem em crônicas alheias e transitou pelas mais diversas ocupações, sem estabilizar-se definitivamente

em nenhuma. Mostrava-se, no texto, claramente angustiado. Enquanto o próprio Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino, amigos de infância, não parecem deslocados se definidos como cronista e romancista, respectivamente, com OLR as classificações não parecem funcionar bem. Contista, romancista e cronista, porém, é certo que o ofício da escrita o acompanhara desde sempre:

> Profissionalmente, sou essa coisa indefinida que é todo sujeito da nossa geração o qual um dia cismou que podia ser escritor. Só pensava nisto. Meu projeto era esse. Escrever. O quê? Sei lá. Escrever. Ser escritor. Fui estudar Direito porque os escritores estudavam Direito, muitos. Depois, acabou tudo, né? Perdi a fé em mim. Perdi a fé na literatura. (LARA RESENDE In: LONGO DOS SANTOS, 2002, p. 27)

Nascido em primeiro de maio de 1922 em São João Del-Rei, Otto era o quarto de vinte filhos (seis deles mortos antes de completarem dois anos). Seus pais, Antônio de Lara Resende e Maria Julieta Oliveira formavam um tradicional casal católico no interior de Minas Gerais. Com famílias fortemente pautadas pela religião, nas montanhas mineiras eram numerosos os preconceitos e poucas as chances de uma carreira não convencional, que ignorasse as clássicas instituições ou fugisse dos trabalhos relacionados à agropecuária e ao comércio. Otto, no entanto, desde a infância contou com uma família que incentivava os estudos, preferindo que o filho se dedicasse à leitura, aos idiomas estrangeiros, e à produção escrita. A peculiaridade que moldaria seu futuro interesse por quase tudo o que fosse impresso veio em grande parte por conta de seu pai, professor, gramático, memorialista e fundador do Instituto Padre Machado, escola de caráter religioso nascida em São João Del-Rei e mais tarde transferida para Belo Horizonte. Baseado nos "preceitos dos evangelhos, através de seus legítimos intérpretes" como gostava de afirmar o pai, o colégio e seu ensino tradicionalista tiveram enorme influência na formação intelectual de OLR, bem como em despertar, já nos primeiros anos, a incursão por autores consagrados da literatura brasileira. A forte carga moral que infligiam em seus alunos também marcou o jovem Otto:

> Aquela educação bem-medida demais deu à gente referências muito nítidas demais, para apreciar o mundo e a vida. No contexto daquele maniqueísmo simplista e inocente, as noções de bem e de mal ficavam demasiadamente claras, excessivamente bem-separadas. (LARA RESENDE In: MEDEIROS, 1998, p. 22)

Com aulas rígidas, teve contato com os escritores clássicos, aprendeu um bom português, teve lições de latim e quando adolescente já lecionava francês. Como leitor, teve na figura de um professor, Benone Guimarães, o tutor que o apresentou aos romances de Machado de Assis, à crítica literária de Agripino Grieco, aos livros de Georges Bernanos e Jacques Maritain, além de poetas e demais escritores que fizeram Otto certo de seu destino nos primeiros anos da adolescência: "Eu estava convencido de que tinha vindo ao mundo para escrever, para lutar com as palavras, por mais vã que fosse essa luta" (LARA RESENDE In: MEDEIROS, 1998)

Datam dessa época os primeiros escritos seus de que se tem notícia, no jornal estudantil do colégio. Como jornalista mirim, Otto chegou a usar pseudônimos para escrever livremente até trabalhar pela primeira vez na redação de um jornal profissional, também por influência de seu pai, dirigente de *O Diário*. Com 18 anos, já em Belo Horizonte estudando Direito, começava oficialmente na profissão da qual jamais conseguiria se afastar por completo, nutrindo sentimentos de amor e ódio. Costumava dizer, com o bom humor costumeiro: "Entrei no jornalismo exatamente como cachorro entra na igreja: porque achei a porta aberta" (LARA RESENDE In: LONGO DOS SANTOS, 2002, p. 30). Também na capital mineira, editaria o suplemento literário do Diário de Minas, onde estreitaria o laço com a literatura e o jornalismo. A partir dali e, mais tarde, no Rio de Janeiro, passaria por uma infinidade de publicações ocupando diversos cargos, como repórter de polícia, setorista de política, chefe de reportagem, redator principal, cronista, articulista, crítico de cinema, dentre outros. Otto esteve à frente da revista *Manchete*, do semanário *Flan*, da redação do Jornal do Brasil, além de ter trabalhado e contribuído em vários outros periódicos de destaque na época, como *Diário de Notícias*, *O Globo*, *Diário Carioca*, *Correio da Manhã*, *Última Hora*, *Manchete*, *Jornal do Brasil*, *TV Globo*. No fim da vida, como cronista diário da *Folha de S. Paulo*, estaria ainda inevitavelmente ligado à rotina dessas publicações, consumindo jornais e produzindo seus textos tirando inspiração dali, por diversas vezes.

Antes de mudar-se para o Rio de Janeiro e percorrer todo esse caminho pelas redações cariocas, no entanto, no período em que morou em Belo Horizonte, dos 16 aos 23, Otto já dava mostras do temperamento que ficaria famoso até o fim da vida, ao mesmo tempo galhofeiro e intelectual. Protagonizou clássicos episódios de inconsequência juvenil ao mesmo tempo que aprofundava o interesse em literatura e fazia amizades fundamentais em sua vida. Foi

escrevendo, discutindo livros, bebendo e causando alguma desordem na então provinciana capital mineira – na época, com 200 mil habitantes – que Otto conheceu os autores da geração anterior Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Murilo Rubião, João Etienne Filho (espécie de tutor dos jovens aspirantes à carreira literária), além dos três amigos que, junto dele, seriam chamados de "Os Vintanistas" por Mário de Andrade, com o qual se correspondiam, e "os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse", pelo próprio Otto. Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino, imortalizados como personagens de *O Encontro Marcado*, continuariam a amizade no Rio pela vida toda.

O litoral carioca, na época, era o destino natural dos escritores mineiros. Depois da geração anterior à de Otto, de Drummond e cia, os primeiros dos "vintanistas" a chegar ao Rio foram Sabino, em 1944, e Paulo Mendes Campos, no ano seguinte. Otto viria no fim de 1945 e Hélio um pouco mais tarde, em 1952. Desde o começo da vida de mineiro transferido ao Rio com alguma pretensão literária e ingênua admiração pela paisagem, o jovem jornalista procurou manter-se na imprensa ao mesmo tempo em que tocava uma "colocação" – como chamavam os empregos públicos distribuídos na época. Em Belo Horizonte, trabalhara desde os 16 no Serviço do Imposto Territorial da Secretaria de Finanças de Minas. Acabou, no Rio, tornando-se procurador do antigo estado da Guanabara, ainda que, segundo Medeiros (1992), não conste que tenha perdido muito tempo examinando processos. Iniciou a carreira carioca no *Diário de Notícias*, por intermédio do amigo Edgar da Mata Machado, também jornalista e mineiro, que o recomendou entre os colegas na redação. Com vários jornais em circulação em uma das épocas de maior destaque da imprensa brasileira, Otto teve espaço para desenvolver as habilidades em diversas plataformas, o que lhe rendeu a admiração.

> Otto revelou cedo o seu talento e versatilidade, com o que costumava conquistar a simpatia, o respeito e a amizade dos donos dos jornais. Além de reportagens, passou a escrever comentários políticos, artigos de fundo, *sueltos* e editoriais, que exigiam mais responsabilidade dos redatores. (MEDEIROS, 1998, p.59)

Não demorou muito até o repórter começar a escrever para outras publicações ao mesmo tempo, assumindo funções diferenciadas em cada uma delas e, às vezes, protagonizando situações curiosas. Por mais insólita que a atitude possa parecer na atualidade, com o jornalismo já profissionalizado, a prática de diversificar as redações era comum em uma época que

atividade jornalística podia ser bastante amadora, não sendo muitos os que a exerciam em tempo integral. Mais comum era que os textos viessem, para a maioria dos colaboradores, como "bicos" que manejavam junto de outras ocupações. Como diz Medeiros, escrever em jornais, na época de Otto, podia ter vários motivos, dentre eles o de angariar influência frente às autoridades e proprietários em algum ramo de negócios, com a intenção de obter cargos públicos. Também não era raro que um jornalista fizesse cópias de sua reportagem e a enviasse a diferentes jornais para que fosse publicada. Em um episódio desse início de carreira pelo qual Otto era lembrado, diz Medeiros que o jovem jornalista era responsável, ao mesmo tempo, pelos editoriais de *O Globo* e *Diário de Notícias*. Como os proprietários dessas publicações, respectivamente Roberto Marinho e Orlando Dantas, cultivavam desentendimentos entre as duas mídias, cabia a OLR escrever um texto defendendo o posicionamento de um jornal e responder no outro, mantendo uma "inflamada polêmica consigo mesmo".

Até dirigir a revista *Manchete*, em 1955, Otto passou por cinco jornais diferentes: *Diário de Notícias*, *O Globo*, *Diário Carioca*, *Correio da Manhã* e *Última Hora*. É dessa época também que a fama de bom prosador, do *causeur* inveterado e piadista veloz começa a crescer conforme OLR faz amigos nas redações e frequenta a casa de músicos, escritores e intelectuais, como Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes e Jayme Ovalle, nas quais também apareciam os outros três cavaleiros do íntimo apocalipse. Figura sempre disponível, que aproveitava qualquer deixa para emendar referências e tiradas cômicas sobre qualquer assunto, ele teria na conversa fiada uma das maiores características associadas à sua figura até o fim da vida, ainda que por vezes se ressentisse da habilidade com as palavras e o bom-humor. Por conta dela, arrematariа várias amizades e alguns desafetos, bem como popularizaria a figura de um personagem que não correspondia completamente ao seu verdadeiro temperamento. Nelson Rodrigues, dos grandes responsáveis por difundir essa persona de Otto em suas crônicas, tinha certeza de que conversar era a habilidade mais refinada do colega de *O Globo*, afirmando: "A grande obra de Otto Lara Resende é a conversa. Deviam pôr um taquígrafo atrás dele e vender suas anotações em uma loja de frases" (RODRIGUES In: MEDEIROS, 1998, p. 84). Mais tarde, já após a morte de OLR, um volume intitulado *Loja de Frases*, que integrou o box *Arquivinhos – Otto Lara Resende* (Bem-Te-Vi, 2006), trouxe uma seleção das melhores frases de Otto, organizada por Humberto Werneck. Nelas, expressa várias de suas inclinações para o trato social ("Sou

visceralmente conciliador. A coisa que eu mais admiro no mundo é ponte”), até considerações mais dramáticas (“O homem é dramático porque morre”).

Casado com Helena Pinheiro, filha do governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro, e sempre próximo de políticos e homens do Estado, os empregos como funcionário público, junto dos de jornalista, foram uma realidade constante na vida de Otto. De professor a procurador, passando por gerente de banco público até possível ministro da cultura no governo Sarney, os cargos acompanharam-no e definiram sua trajetória com maior ou menor importância, de acordo com a posição que ocupava. Em 1957, aos 34 anos e com o nome consagrado em jornais e revistas, o convite era o de servir o país como adido cultural na embaixada brasileira em Bruxelas, assumindo o antigo posto do poeta Murilo Mendes. As incumbências, além de tratar de assuntos burocráticos da repartição, envolviam ser professor de Estudos Brasileiros em um projeto do Benelux – cargo ao fim revelado como invenção de Murilo Mendes. Com mulher e dois filhos, Otto seguiu para a Europa, onde voltaria três anos depois. Data dessa época fora do país a gestação de seu único romance, *O Braço Direito*, que reescreveria incessantemente até o fim da vida. Como contista, a estreia já viera com *O Lado Humano*, em 1952, seguido de *Boca do Inferno*, de 1957. Pelas histórias curtas e polêmicas deste último, protagonizadas por crianças e adolescentes, Otto recebeu fortes críticas, tendo sua casa sido alvo de manifestações nada lisonjeiras – como na história de um dos contos, sua porta de entrada amanhece coberta de fezes (MEDEIROS, 1998, p. 74). Atribui-se a essa recepção um dos motivos para ter aceitado o convite do Itamaraty.

Na Europa, Otto vive anos que misturam períodos de depressão, desilusão quanto à literatura e questionamentos sobre sua função na embaixada com momentos de absoluto deslumbramento com a paisagem e a sociedade belga. Com outros amigos exercendo funções semelhantes em diferentes cidades européias – Murilo Rubião, em Madri, e João Cabral de Melo Neto em Barcelona e, mais tarde, em Marselha – trocou cartas que dão conta dos dois polos sentimentais. Na correspondência com o autor de *O encontro marcado*, reunida no volume *O Rio é tão longe – Cartas a Fernando Sabino*, Otto oscila entre o amigo saudoso e o escritor frustrado, com alguns momentos de animosidade entre os velhos companheiros de Minas Gerais. Em uma carta de 1957, por exemplo, Otto compara o “sucesso nacional” do amigo com seu bloqueio para escrever, dizendo ter “esquecido o compromisso com a literatura”, e diz que

Fernando, na resposta à última carta, teria o "escoiceado". *Bruxa* é como chama a capital belga no início das missivas, descrevendo uma cidade-cinza e chuvosa, pouco convidativa aos acostumados com os trópicos. Durante sua estada, Otto trabalha no pavilhão brasileiro da Exposição Universal, ministra as aulas sobre realidade brasileira na Universidade de Utrech – este cargo, sim, verdadeiro - e questiona longamente com sua vocação literária, até voltar com grande parte da primeira versão de *O Braço Direito*.

De volta ao Brasil em 1959, depois de protestos da esposa, começa a trabalhar como coordenador da Assessoria Técnica da Presidência da República, período em que diz sentir certa "nostalgia da advocacia". Em 1965 entra para o *Jornal do Brasil* e participa da fundação da *Rede Globo*, da qual só sairá definitivamente nos anos 80, após um controverso episódio de demissão. No JB, não demora a assumir um dos cargos de diretoria, junto do amigo de adolescência Wilson Figueiredo. Na Globo, estrela *O Pequeno Mundo de Otto Lara Resende*, programa diário e ao vivo, com duração de um minuto, no qual discorre livremente sobre um tema da atualidade ao estilo "crônica falada". Otto tem um segundo período de adido cultural em 1967, dessa vez em Lisboa, onde, já na casa dos quarenta, tem uma estada menos incômoda que a fase em Bruxelas muito por conta de Heleninha, filha temporã que nasce em Portugal, marcando uma ótima fase. A essa altura, OLR já tem publicados, além de *O Lado Humano* (1952), *Boca do Inferno* (1957) e *O Braço Direito* (1964), os contos reunidos em *O Retrato na Gaveta* (1962), e "A cilada" (1965), conto incluído em *Os sete pecados capitais*, junto de narrativas de Carlos Heitor Cony e Guimarães Rosa.

Definitivamente no Rio em início da década de 70, Otto estreita seus laços com a Rede Globo a partir de 1974, por convite de Walter Clark, autodenominando-se seu *Walter Ego*. Também não encontrou resistência em reassumir seu antigo cargo no *Jornal do Brasil*, ainda como um dos dirigentes. Em 1979, candidata-se e vence a eleição para a Academia Brasileira de Letras, em atitude imodesta. O status de acadêmico e a pompa que traz as láureas da instituição, de acordo com Medeiros, eram fontes de piadas para o próprio Otto, que nas atitudes irreverentes e as brincadeiras com a língua, pouco lembrava a sisudez dos autodenominados "imortais". Era comum que inventasse argumentos engraçados, caísse em rodeios e desse justificativas fracas para explicar que a candidatura não terminava em uma "questão de vaidade". Em diversas ocasiões, dizia ter sentido vontade de entrar para a ABL a partir de uma

frase exortada constantemente pelo amigo Hélio Pellegrino, que justamente lhe pedia o contrário – “Seja humilde, Otto!”. O nome do psicanalista também era evocado como autor do telegrama que oficializava a candidatura. Otto é então eleito para a cadeira de número 39, precedida por Elmano Cardim, em 03 de julho daquele ano.

Permaneceu na Globo como conselheiro e, posteriormente, realizando entrevistas para o telejornal *Painel* até 1983, quando é demitido. Segundo Medeiros e Humberto Werneck, que conviveu com Otto nessa época, a demissão seguiu uma atitude arbitrária, motivada pela nova direção do canal televisivo, o cargo pouco convencional que ocupava e da forma como OLR via seu chefe, Roberto Marinho. Suas brincadeiras e imitações de Roberto, além da forma sem pompas como o via e tratava, teriam motivado a diretoria a demití-lo. Otto ficou bastante abalado com a decisão e mesmo quando o próprio Roberto Marinho o telefonou pedindo que voltasse, não aceitou (MEDEIROS, 1998, p. 121). Aposenta-se no mesmo ano como procurador do Estado do Rio de Janeiro e durante seis anos passa por um obscuro período sem produzir, remoendo a demissão e seus antigos fantasmas, até ser convidado pela Folha de S. Paulo para ser cronista diário em 1990. O rodapé da página 2 foi-lhe oferecido de segunda a sábado e é ali que Otto mais se realiza como escritor. Escreve mais de 500 desses textos e obtém grande sucesso, o que origina o livro póstumo *Bom dia para nascer*, que reúne esse conteúdo. Morre no auge do reconhecimento como escritor, em 1992, por decorrências de uma cirurgia malsucedida. O problema de hérnia de disco o incomodava bastante, era uma dificuldade conseguir sentar para escrever os textos diários e realizar atividades do dia-a-dia, por isso a decisão pelo procedimento aparentemente simples. Feita a operação no dia 09 de dezembro, Otto tem de ser reconduzido ao centro cirúrgico no dia seguinte com explicações que não satisfizeram a família. A suspeita dos parentes era de infecção ou erro médico. Otto tem alta no dia 14 e vai para casa, onde permanece sem melhorar, aparentando fraqueza e indisposição. Na noite do dia 19, acorda com muita dor e tem de ser reconduzido às pressas ao hospital, onde passaria, nos próximos dias, a delirar e não reconhecer os próprios filhos. Na madrugada do dia 28, tem fortes espasmos e seu coração para de bater por volta das três da manhã. (MEDEIROS, 1998, p. 12-13).

2.2 Conserve da vida apenas o essencial

Em texto jamais publicado durante sua vida, datado de 1987 e encontrado em seu arquivo pessoal, um experiente Otto Lara Resende conta uma história acontecida na década de 50, não muito tempo depois de ter chegado ao Rio de Janeiro, bastante representativa da indecisão e angústia que o acompanhavam.

> Estive pensando em todos os poetas e escritores que conheci ao longo da minha vida. Quem fez obra considerável (nada de eterno, permanente, coisa de que ninguém sabe, nem a posteridade), quem fez obra, digo, só a fez porque defendeu, com unhas e dentes, a sua própria disponibilidade. Quando adolescente, eu já sabia que para me dedicar à minha paixão, eu devia renunciar ao mundo – à carreira, ao sucesso, ao dinheiro. [...] No café da rua Araújo Porto Alegre com avenida Graça Aranha, na esquina próximo ao Ministério da Educação, onde encontrava o CDA, e onde certa manhã encontrei o Murilo Mendes... Na verdade, encontramo-nos na rua e MM me levou ao café. Sentamo-nos, ele num tom alto, meio estratosférico, em estado de poesia, meio inspirado, solto, livre, e eu vermemente preso à redação d'*O Globo*, de onde tinha saído e para onde devia voltar. A conversa do Murilo me deliciava e me dava um imenso remorso – remorso de não cumprir o dever, de me esquivar à rotina, de não ter voltado, como me cumpria, ao jornal – e o superego pesando, a formação disciplinar, a correção moral, tudo o que me tinha sido passado desde o leite materno. Eu, fascinado pela prosa do poeta, quase pedindo desculpas, murmurei que tinha de ir, que ia trabalhar... MM afinal pôs os olhos em mim, me deu atenção e, paternalmente, me perguntou se eu tinha certeza que devia voltar ao jornal. Achei estranha aquela ênfase. Ele sentiu a minha dúvida e me sapecou este aforismo: "O., conserve da vida apenas o essencial". Eis a questão: *O Globo*, de que eu tinha um sagrado horror, era essencial ou não? O Edgar (Mata-Machado) me esperava, certamente não aprovaria nem concordaria com a minha ausência. Fatalizado pela presença do Murilo, um vadio que vadiou toda a vida, respondi que não. Não era essencial. E fui ficando no café. Esse encontro me custou uma crise no jornal e na vida. (LARA RESENDE In LONGO DOS SANTOS, 2002, p. 142-144)

Ainda que exercesse o cargo de jornalista na maior parte da vida, as dificuldades de Otto em se reconhecer com firmeza enquanto profissional de qualquer ramo renderam-lhe vários arrependimentos postergados. Em uma entrevista de 1984 para a *Folha de S. Paulo*, cujo título indicava mudança na aparência e no humor - *A barba de Otto Lara Resende* -, o mineiro, então

com 62 anos, diz que perdeu a fé na literatura e não estava satisfeito com a vida que viveu (MEDEIROS, 1998, p. 124). Em uma das respostas, aponta de forma melancólica a decisão pelo rosto cheio.

> Ela [a barba] é o último sinal de que não estou tão enquadrado assim, que não sou tão estúpido, que, enfim, tenho alguma coisa a ver com os mendigos, os camelôs, os Papais Noel. Ou seja, um certo parentesco com a marginalidade. Um sinal de que não abandonei a vertente da sarjeta. (LARA RESENDE In: MEDEIROS, 1998, p.125)

Por mais que a dita *missão* de Otto, como afirmara desde a adolescência, fosse escrever, é inegável que a *dispersão* de que fala, traduzida nos empregos, amizades, obrigações familiares, entre outros, o deixava aborrecido. Ainda que tenha escrito e publicado seis livros ao longo da vida, eleito para a ABL e construído, querendo ou não, uma reputação literária e jornalística, é possível observar certo ressentimento quanto ao destino nesses textos tardios. Ao contrário do amigo Fernando Sabino, escritor já publicado na adolescência e que além do sucesso nos livros, também atingia enorme reconhecimento nas crônicas, Otto nunca se definiu profissionalmente. No disco Os Quatro Mineiros, que reúne uma pequena autobiografia e trechos de obras lidas pelos quatro amigos na década de 80, OLR define-se como "escritor que foge de sua convocação" quando é convidado a se apresentar.

> Sou jornalista há mais de quarenta anos, escritor que foge de sua convocação, e hoje me pergunto: quem sou eu? Sou brasileiro, sou mineiro, sou cidadão limitado pelas fronteiras fatais. Creio no homem, creio na justiça, creio na liberdade, e desejo que a vida dos meus filhos e de todos que vierem depois de mim seja melhor que a minha. Desejo firmemente a utopia, creio na utopia. (LARA RESENDE In: Os Quatro Mineiros, Som Livre, 1980)

As ocupações se alternavam com velocidade e os planos iniciais nunca parecia se cumprir. No período logo após a chegada ao Rio, por segurança carregava consigo uma carta de Alceu Amoroso Lima (que assinava sob pseudônimo de Tristão de Athaíde) recomendando-o para cargo no Colégio São Bento. Apesar de nunca ter precisado usá-la, talvez por conta mesmo da *dispersão*, em 1971 Otto se tornaria professor adjunto no Departamento Social do Centro de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica (PUC). O tempo lecionando em todos esses

lugares foram assunto para crônica já em 1940, em *O Pequeno Semeador*, de São João Del-Rey, na qual o autor aponta erros cômicos cometidos por seus alunos durante exames.

Já como funcionário público, em entrevista de 1981 a Edla Van Steen, reproduzida em Três Ottos por Otto Lara Resende, OLR faz um itinerário de sua vida dedicada aos empregos dessa natureza, desde os 17 anos até sua aposentadoria. De assistente de repartição em Belo Horizonte até procurador do estado da Guanabara, o caminho é relembrado com algumas reservas: "A vida burocrática foi uma imposição de sobrevivência. [...] Sempre evitei gabinetes e cargos de confiança, apesar das oportunidades e convites que tive". A questão aparece consolidada no fim do mesmo texto em que conta o episódio com Murilo Mendes, momento que se pergunta o motivo responsável por deixar-se seduzir pela dispersão, ficar preso no jornal, trabalhar "full time" em lugares que não o proporcionavam muitas aberturas. Remoer-se da oportunidade que teve de escrever e publicar mais, dar voz à sua vocação literária ou mesmo jornalística, contanto que se dedicasse integralmente a essa atividade, é uma constante.

> Por que não me condensei, como me implorava o Rosa? Por que não conservei da vida apenas o essencial, como me aconselhou o MM? Por que cedi à vida burguesa, à obrigação de uma rotina, de uma canga dura? A família... sim, mas eu sempre sustentei que a família não deve ser desculpa de mau pagador, que nenhum filho quer que o pai faça concessões em nome de ajudá-los a comer ou a criar... (LARA RESENDE In: LONGO DOS SANTOS, 2002, p. 149-150)

Mas ainda que OLR tivesse muitas vezes na escrita, nos projetos literários não realizados e nos rumos profissionais um motivo de frustração, em outra habilidade mais imaterial é lembrado como perito dos mais talentosos – a arte de conversar.

3. A CONVERSA

Para o Otto, a palavra não era só um modo de dizer, mas a própria coisa.

Humberto Werneck (2017)

Reunindo episódios, depoimentos, frases e trechos de obras em que Otto Lara Resende aparece demonstrando sua habilidade para a conversa, o capítulo procura apresentar as características mais presentes na técnica de OLR para a conversação, bem como as ocasiões em que aparece registrada. Também sua relação com Nelson Rodrigues, responsável em grande parte pela popularização de Otto enquanto personagem falastrão, genial e exposto ao ridículo é abordada em contraponto ao sujeito melancólico e fechado que também era. Como alguém "difícil de capturar", como aponta Humberto Werneck, a dupla natureza funciona como aprofundamento do escritor e desmente a persona sempre risonha, como aponta o filho Bruno Lara Resende. Por fim, um breve histórico da conversa como teoria é feito, comparando as considerações feitas por Montaigne, Morellet e Burke à prática de Otto.

3.1 Como Otto conversava

Apesar das controvérsias e desconfortos que esse talento podia gerar, é inegável que Otto Lara Resende teve na conversa um dos principais motivos que lhe atestavam a genialidade. Tanto quanto sua obra escrita, perdurável no tempo e sólida nos temas, a inclinação e perícia na conversação foram habilidades que sempre lhe renderam registros, admiração e risadas por onde passasse. Piadista sem medo de atacar quem fosse, imitador habilidoso, "especialista em ideias gerais" capaz de discutir com eloquência qualquer assunto, legítimo *causeur* que não negava alguns minutos de prosa e famoso conciliador entre amigos beligerantes, Otto tornou-se conhecido no folclore das letras e imprensa brasileira como um personagem dado à disponibilidade do diálogo. Ainda que não fosse difícil encontrar outros jornalistas e escritores, na mesma época, que também se dedicavam à conversa em alta consideração, Otto tinha a seu favor uma certa "erudição às avessas", garantida pela soma das raízes provincianas com a bagagem cultural adquirida desde a infância, o que lhe garantia o melhor dos dois mundos. Mais

ainda, seu conhecido *sense of humour*, que puxava para a comparação entre personagens, as referências políticas e a simplificação de ideias ao redor de uma única frase fizeram da conversa que praticava, para alguns, sua maior obra.

De gravações que mostram Otto conversando, não é grande o material que restou ao longo dos anos. São raros os materiais em que o mineiro aparece, em áudio ou em vídeo. Em disco, o já referido LP *Os quatro mineiros* não configura exatamente uma conversa, mas uma apresentação autobiográfica, seguido da leitura de trechos ficcionais seus. Em vídeo, querendo ou não, temos um Otto cerceado pelas circunstâncias básicas que supõem a existência de uma câmera. De *O Pequeno Mundo de Otto Lara Resende* (1966), a crônica falada de um minuto em que discorria sobre qualquer assunto ao vivo na TV, talvez o registro em que se pudesse melhor observar a desenvoltura com a palavra oral, não restou um único arquivo. De *Painel*, telejornal de 1977 em que protagonizava quadros de entrevistas, também exibido pela Rede Globo, sobraram apenas as edições com Nelson Rodrigues e Vinicius de Moraes.[1] Sem o advento exato das gravações, investigar de que maneira OLR conversava se faz, essencialmente, por meio de depoimentos e declarações de pessoas que conviveram e, sobretudo, conversaram com ele.

Humberto Werneck, jornalista mineiro que escreveu *O Desatino da Rapaziada*, sobre sucessivas gerações de escritores mineiros do século XX e teve o livro revisado por OLR, tornou-se amigo do conterrâneo a partir de 1979 e levou o contato até a morte de Otto, mais de uma década depois. A amizade surgiu a partir de uma matéria feita por Werneck para *Veja*, por ocasião da eleição de Otto para a academia. Nesse meio tempo, conversaram bastante, trocaram cartas e apresentaram-se conhecidos. Ainda que, pela diferença de vinte anos, Werneck não tenha feito parte da geração dos "quatro cavaleiros" ou vivido com o colega nos tempos de Belo Horizonte, seu convívio com Otto foi suficiente para gravar na memória a perspicácia da palavra falada, além de histórias contadas por ele. A ocasião em que se apresentaram já foi marcante, conta Werneck.

> Nossa primeira conversa foi em 1979, às vésperas da eleição dele para a ABL. Eu estava na Veja e fiz um perfil de quatro páginas que se chamou *O fardão irreverente*. A partir daí fomos batendo bola direto,

[1] De acordo com o Centro de Documentação da TV Globo (Cedoc), que zela pelo armazenamento dos programas exibidos na emissora, inclusive a íntegra de *O Pequeno Mundo* e *Painel*, um incêndio foi responsável pela perda dos registros televisivos de Otto.

> tenho cartas e originais dele, para mim das coisas mais preciosas. Antes de tudo, até mesmo de entrar no assunto "conversa", é preciso dizer o Otto era da boa escola, das letras. Gostava de ler os textos em voz alta, para ele aquilo só fazia sentido se soasse bem aos ouvidos. Como um grande revisor, vivia à procura de cacófatos e frases que não que impedissem uma boa verbalização. Para o Otto, a palavra não era só um modo de dizer, mas a própria coisa. (WERNECK, 2017)[2]

Os episódios em que Otto entregava o melhor de seu humor, fosse ele um tanto ofensivo ou não, aparecem com frequência na biografia do mineiro. Como homem que não tinha medo de fazer troça até mesmo dos chefes – diz-se que imitava perfeitamente Adolfo Bloch levantando as calças para não se sujar de tinta nos tempos de *Manchete*, e Roberto Marinho dando ordens aos quatro ventos em *O Globo* – uma dessas ocasiões é lembrada por Werneck como símbolo da "molecagem" de OLR.

> Ele tinha um senso de humor maravilhoso. Tinha uma intimidade com as palavras que permitia a ele fazer uns jogos, umas piadas. Era rapidíssimo, cáustico, cheio de tiradas. Uma boa maneira de ilustrar isso é com histórias. Diz-se que em certa ocasião, o Nascimento Brito teve um derrame que prejudicou os movimentos de um lado do corpo, já pelo fim da vida. Ele, que foi proprietário do Jornal do Brasil, teve relações muito boas com o Otto quando este trabalhava lá, mas ambos também cultivaram uns arranca-rabos. A história que se conta é que em uma festa ou algo do gênero, em que o Otto estava, veio lá adiante o Nascimento Brito. Otto, vendo o ex-chefe pela primeira vez depois do AVC, vira para os amigos e diz: "Vocês sabem que esse derrame fez bem ao Brito? Agora a gente sabe que ele tem um lado bom". (WERNECK, 2017)

Com os amigos de sempre, justamente nessas informais rodas de conversa que participava continuamente, afirma Werneck que aparecia o melhor Otto. Dentre os companheiros que conheceu e frequentou com assiduidade no Rio de Janeiro, aos quais se refere nas crônicas e em diversos escritos pessoais, estavam outros nomes que se destacariam pelo bom-humor, como Sergio Porto, Vinicius de Morais e Antônio Maria. Com os outros três mineiros, no entanto, a conversa tinha ares ainda mais leves. Em matéria de 1979 para a revista *Ele e Ela* intitulada *Os quatro mineiros do apocalipse*, o jornalista Narceu de Almeida Filho reuniu os *vintanistas* em um apartamento e colocou-os para conversar sem grandes interrupções. Mesmo não sendo o mineiro que mais fala durante o encontro – o texto foi construído inteiramente com travessões – Otto aparece com destaque em tiradas humorísticas e pequenas

[2] Em entrevista concedida ao autor em 16/06/2017, Rio de Janeiro

piadas. Além de essencial para a compreensão de OLR, uma vez que fala sobre suas esperanças e desilusões, a matéria é oportunidade para encontrar os quatro amigos em ação.

> Otto – Eu tinha 11 anos e, como escoteiro, encontrei o Fernando, também escoteiro lá na sede deles. Tinha um fio solto lá e ele queria que eu pegasse um pouquinho no fio. Hoje ele continua querendo que eu pegue nesse fio e ainda não conseguiu. É o famoso choque elétrico que tenta me dar até hoje e não consegue. (ALMEIDA FILHO In: Sabino, 2002, p. 304)
>
> [...]
>
> Fernando – [...] No ginásio, onde éramos (Fernando e Hélio) inseparáveis, estudamos juntos a Maratona Intelectual e empatamos em segundo lugar em Minas e no Brasil. Viemos juntos receber o prêmio.
>
> Otto – É bom esclarecer um detalhe: eu estava inscrito na Maratona e não fui, porque tive um ataque de asma. De modo que vocês tiveram essa vantagem.
>
> Hélio – Você teve um ataque de *asthma*, porque naquele tempo não havia asma. E *asthma* com "th" era muito pior.
>
> Otto – Aliás, depois da reforma ortográfica eu melhorei muito. (ALMEIDA FILHO In: Sabino, 2002, p. 305)
>
> [...]
>
> - *Além da repressão política naquela época, a repressão sexual em Minas devia ser bem forte, não? Para você, Otto, como começou a vida sexual?*
>
> Otto – Como até hoje eu sou um pouco pudico, vou dizer: para mim, começou muito metafisicamente, como uma entidade abstrata.
>
> (ALMEIDA FILHO In: Sabino, 2002, p. 307)

A irreverência de Otto também é lembrada pelo amigo e colega Wilson Figueiredo. Veterano da imprensa brasileira, com mais de 50 anos de carreira no Jornal do Brasil, em que trabalhou com Otto, os antigos companheiros se conheceram ainda em Belo Horizonte durante a adolescência. Figueiró, dois anos mais novo que OLR, esteve com ele em momentos importantes da juventude em que escreviam muito, reunidos sob a figura de João Etienne Filho, espécie de incentivador literário de jovens escritores de Belo Horizonte, publicando-os em sua coluna "Literária", que manteve por 30 anos em *O Diário*. A amizade entre Figueiredo e Otto durou até a morte de OLR, sendo assim quase 60 anos em que Wilson teve numerosas

oportunidades de conversar com o amigo mineiro. Ainda hoje, aos 93 anos, as proezas verbais de Otto não lhe fugiram a memória e continuam causando espanto.

> Como o Otto conversando não tinha igual, ele conseguia atrair todo mundo para si, fazer as pessoas rirem e prestarem atenção. Tinha um carisma, uma maneira de lidar com as palavras só dele. Para você ter uma ideia da influência que ele tinha sobre os outros, basta contar um desses tantos casos que envolvem seu nome. Meu filho, então adolescente, tinha uma namorada, até um dia se separarem. Antes de contar para qualquer um, até mesmo seu próprio pai, a pessoa que ele procurou para pedir conselhos e ouvir foi o Otto – e é claro que ele cumpriu a tarefa muito bem. Isso me espanta até hoje. Além disso, era um homem atualizadíssimo. Você começava a falar alguma coisa mais factual e ele completava antes de você acabar a frase. Se você dissesse: "o político tal", o Otto completava com "chegou ontem ao Rio". Sabia de tudo o que acontecia, o que aconteceu e o que vai acontecer. (FIGUEIREDO, 2017)[3]

Mais ainda, Wilson, como Werneck, destaca o lado curioso de OLR. Para ambos, a conversa ia além da fala descompromissada para chegar até a vontade de Otto em conhecer a fundo as pessoas com quem falava. Além das piadas frequentes, através do diálogo Otto expressava frequentemente uma preocupação em manter o interesse no que fosse humano, o que Werneck aponta como uma das causas dessa perícia.

> Acho que essa habilidade para conversar vem de uma soma. Ele tinha um repertório muito bom, era um grande leitor. O Otto foi um cara que fez uma carreira na imprensa. Então ele conheceu não só o modo de fazer aquilo, como a linguagem, o dia-a-dia, o tipo de gente que é assunto, mas ele tinha uma curiosidade espantosa com relação ao ser humano. E ele era um grande ouvinte. (WERNECK, 2017)

Também Bruno Lara Resende, segundo filho dos quatro filhos de Otto com Helena Pinheiro, lembra do pai como alguém que via nas outras pessoas uma oportunidade de aprofundar-se em dramas humanos, fazendo perguntas, provocando o interlocutor. Mais do que um homem afeito às frases de impacto e afirmações, porém, Bruno aponta que OLR gastava horas ouvindo as lamentações dos amigos, em atitude que se alinhava ao seu forte senso de princípios. Ainda que não professasse a fé católica com o fervor e o fanatismo das beatas, tendo sido criado no interior mineiro sob "os sinos de São João Del-Rey", Otto adquiriu um senso

[3] Em entrevista concedida ao autor em 05/08/2017, Rio de Janeiro.

claro de correção moral e solidariedade que atravessava a religião e atingia a relação com os amigos como se fosse obrigação, afirma Bruno.

> Apesar da religião, meu pai era um sujeito altamente antidogmático e isso podíamos ver através da conversa. Ele provocava a gente, queria saber sobre o que nos incomodava, gostava do tal "drama humano". Não havia nenhuma erudição nas palavras, nem censura aos outros ou coisa parecida. Dos ensinamentos religiosos e da tradição interiorana, porém, ele tomou uma forte "coragem moral" que o levou a comprar brigas por conta de amigos, além de ir ouví-los sempre que precisavam. Por isso gastava horas escutando dor de cotovelo alheia. (LARA RESENDE, Bruno, 2017)[4]

Ainda sobre episódios que contribuíram para a fama de Otto, Benicio Medeiros, autor da biografia de Otto *A Poeira da Glória*, retoma outros dois que ajudam a compreender a persona do *causeur*. Além de escritores, jornalistas e profissionais ligados à cultura, OLR também era muito íntimo de governantes e homens dedicados à política. Genro do governador de Minas Gerais e do Distrito Federal, seu círculo de influência só aumentou nos anos em que foi repórter do Senado. Entrevistou com exclusividade o General Lott em 1955, após o episódio em que o oficial garantiu a realização das eleições que elegeram Juscelino Kubitschek, o que Otto apelidou acertadamente de "Movimento de Retorno aos Quadros Constitucionais Vigentes". Também era amigo de Tancredo Neves, conterrâneo de São João Del-Rey, além do próprio Kubitschek, sobre o qual, em uma crônica, descreve um encontro em Lisboa nos anos de ditadura brasileira, quando o ex-presidente penava desprestigiado. Com Jânio Quadros, porém, a fascinação pela natureza de Otto foi além da simples admiração.

> Eleito presidente, Jânio Quadros, por sugestão do seu secretário de imprensa, José Aparecido de Oliveira, convocou Otto ao Palácio do Planalto. O diálogo entre os dois entrou para o folclore em versão de Fernando Sabino. "Soube que você gosta de bater papo", disse Jânio a Otto. "Pois venha fazê-lo aqui". Otto respondeu: "Fa-lo-ia, presidente, se tivesse competência, mas não passo de um especialista em ideias gerais." (MEDEIROS, 1998, p. 94)

Já o amigo Carlos Heitor Cony rememora um exemplo da rapidez humorística de OLR em 1964. Ele, Otto e Guimarães Rosa tinham escrito, cada um, um conto para o livro *Os Sete Pecados Capitais*, que saiu pela editora Civilização Brasileira. Otto escreveu sobre a avareza,

[4] Em entrevista concedida ao autor em 17/08/2015, Rio de Janeiro.

enquanto Cony falou da soberba e Guimarães da luxúria. Indo buscar o dinheiro do pagamento, os três se encontram no guichê para receber os 200 cruzeiros prometidos, ao que diz Otto:

> "Para fazer luxúria, até que vale a pena. Para fazer soberba, é pouco. Para fazer avareza, ridículo." Cony ficou espantado com a sua presença de espírito. "Ele inventou a frase de repente, enquanto olhava, meio desconsolado, para o cheque. Disse tudo com um mínimo de palavras, de uma maneira realmente genial." (MEDEIROS, 1998, p. 97)

3.2 Otto, obsessão rodrigueana

Talvez não tenha sido com nenhum outro além de Nelson Rodrigues, no entanto, que o nome de Otto Lara Resende tenha aparecido tantas vezes em situações humorísticas, folclóricas e absurdas. Colegas de redação em *O Globo*, o dramaturgo pode ser considerado aquele que, de fato, fez de Otto um personagem por excelência, criando, por meio de seus artigos, a figura de um homem genial, porém constantemente exposto ao ridículo. Nelson, como é patente no teor de suas obras, era o que cunhou, ele mesmo, de "flor de obsessão". Dentre os temas recorrentes nas suas crônicas diárias, confissões, peças de teatro e poucos romances, estão as clássicas situações de morte e adultério, além dos personagens que lhe fizeram a fama de polemista, como o "Padre de Passeata", a "Freira de minissaia", o canalha "Palhares", o "Cretino Fundamental", dentre outros. A certa altura, convivendo com Otto diariamente e, sobretudo, tendo doses prolongadas da habilidade retórica do colega, Nelson passou a incluí-lo em seus textos repetidamente, quase como nova obsessão.

Fossem mesmo nas crônicas esportivas (Otto não tinha grande interesse por futebol) ou diálogos dramáticos nos quais o dramaturgo põe OLR discorrendo sobre o próprio sogro, Nelson não tinha escrúpulos em inserir o amigo, mesmo que isso lhe custasse a reputação e soasse como ofensa. Foi assim que Otto viu por meses seu próprio nome no letreiro luminoso do Teatro Maison de France, no Rio de Janeiro, que anunciava a peça *Bonitinha mas Ordinária ou Otto Lara Resende*. A obsessão nas crônicas beirava o ridículo. Em *Cambalhotas de Otto*, por exemplo, Nelson evoca um episódio em que Otto, em uma passagem pelo Brasil enquanto trabalhava em Lisboa, vai ao Antonio's, restaurante no Leblon frequentado por simpatizantes da esquerda nos tempos de ditadura militar.

> Mas Otto chegou e alguém, jamais identificado, enfiou-lhe na mão uma garrafa de champanha. Não pensou duas vezes. Fez saltar a rolha e bebeu pelo gargalo. Eis a cena que arrancou aplausos até dos mais apáticos: — essa do Otto beber champanha pelo gargalo. Nem se pense que parou aí. Contou anedotas. Fez piruetas como o acrobata que testa a própria elasticidade antes da cambalhota suprema. Imaginem que, certa vez, confidenciara a um amigo: — "Eu sou a Idade Média". A partir de então, os íntimos passaram a chamá-lo assim. Sábado, o Hélio Pellegrino batia o telefone para mim e perguntava: — "Viste a Idade Média?". E eu mesmo, falando com Waldomiro Autran Dourado, dizia-lhes: — "Vou-me encontrar com a Idade Média". E, no entanto, o Otto de sexta-feira, no Antonio's, era muito mais a belle époque do que a Idade Média. Ao tomar champanha pelo gargalo, era a belle époque que irrompia, de repente, ali no Leblon. Uma euforia datada do princípio do século e, repito, anterior à primeira batalha do Marne. Só faltou beber champanha no sapato de uma cocote. (RODRIGUES, 1995, p. 17-18)

Além de sustentar que a conversa seria a grande obra de Otto Lara Resende, Nelson também atribuía a Otto uma conhecida frase. Famoso por não gostar de falar ao telefone e, por isso mesmo, mentir diversas vezes em que se via obrigado atendê-lo, encontrar Otto podia, por vezes, ser difícil. Era costume de Nelson, aliás, ir até a casa de OLR, na Gávea, e mesmo após repetidas afirmações da empregada dizendo que o patrão não se encontrava, fazê-lo render-se à sua insistência, descendo. A mesma irritação quanto à "falta de consideração" dos amigos também acontecia entre o dramaturgo e Hélio Pellegrino, que jamais o encontrava para jantar, assunto para uma das crônicas de Nelson (*O Hélio e o Anti-Hélio)*. O relacionamento dos dois também produziria uma das frases pelas quais Otto mais ficaria famoso. Atingido por mais um dos problemas de saúde que o assolaram durante a vida, como a úlcera e a tuberculose, Nelson se viu outra vez à beira da morte. Prostrado na cama, recebe a visita de Otto, que confrontado com a atitude relapsa que vinha tendo com o amigo, sai-se com essa: "Mas Nelson, o mineiro só é solidário no câncer!".

A história e a autoria, contada pelo próprio Nelson, jamais foi confirmada por Otto. Talvez sua frase mais conhecida, também nunca teve a paternidade negada por OLR, situação que se repetia com o episódio envolvendo o convite de Jânio Quadros, entre outros. Mas ainda que a história fosse uma invenção, verdade é que a obsessão temática do autor de *Vestido de Noiva* fazia que ela aparecesse diversas vezes em suas crônicas, o suficiente para Otto tornar-se o autor oficial, ele querendo ou não. Na biografia *O Anjo Pornográfico*, o jornalista Ruy Castro retoma a relação entre os dois. Sobre o romance *Asfalto Selvagem*, em que o nome de Otto

aparece diversas vezes, afirma, recupera a figura de doutor Odorico, o protagonista, fascinado com a habilidade de Otto com as palavras, tendo o mineiro como um ídolo e espécie de norte intelectual. Referindo-se a OLR durante a peça como o sujeito mais brilhante do Brasil, o personagem vai encontrá-lo em sua casa, remexendo alguns papéis, ao que diz:

> - O amigo produz muito!
>
> De cócoras, a mão enfiada naquele torvelinho de papéis rabiscados, o Otto Lara deixa escapar um dos seus lampejos admiráveis:
>
> - Eu sou autor de muitos originais, e de nenhuma originalidade!
>
> Foi tal o deleite do juiz que chegou a perder a fala. Mais do que nunca, pareceu-lhe humilhante o brilho do Otto Lara. E lamentou que um taquígrafo não andasse atrás dele, as 24 horas do dia, pago pelo Estado, para imortalizar-lhe as frases perfeitas, irretocáveis [...] Em outro trecho de "Asfalto selvagem", Nelson, digo, doutor Odorico, compara Otto a um cano furado:
>
> - Perfeitamente, cano furado! Assim como o cano furado esbanja água num esguicho perdulário, assim o Otto Lara esbanja espírito na conversa fiada [...]
>
> A todo momento, sempre que um personagem senta-se num botequim ou toma um elevador, há uma rodinha discutindo a última frase do Otto sobre isto ou aquilo. Era como se ele fosse a consciência do Rio de Janeiro, a última palavra, sempre em disponibilidade para definir qualquer pessoa ou situação. Isso incomodava o tímido, modesto e mineiro Otto. O problema era que Otto podia ser tímido, modesto e mineiro – "um temperamento medieval, nascido em 1522", como ele se autodefinia -, mas a verdade é que dizia mesmo as tais frases geniais que Nelson admirava. (CASTRO, 1997, p. 284-285-286)

A entrevista entre com Nelson feita por Otto para o programa de TV *Painel*, na década de 1970, dá a oportunidade de ver OLR bastante à vontade, cutucando o amigo sobre suas polêmicas declarações políticas, relembrando episódios e fazendo piadas. Apesar de, nesse formato, o protagonismo ser dedicado do entrevistado, talvez seja esse o registro restante em que mais se vê o Otto conversador. Em alguns momentos, a julgar pela natureza do programa e da amizade entre os dois, é Nelson que faz os comentários e vê um Otto inspirado respondê-los com o bom humor característico. Perseguido e importunado pelo amigo durante todas as ocasiões em que fora exposto ao ridículo, Otto, na condição de entrevistador, tem a oportunidade de se vingar com declarações que expõem Nelson e dão um tom bem-humorado ao programa. Em vários momentos dos cerca de 30 minutos em que acontece a entrevista, é possível ver OLR

rindo e dando declarações que lembram o formato de *talk-show*. Na famosa passagem em que Nelson conta o episódio de suas últimas palavras no que pensara ser seu leito de morte ("Que boa besta foi o Marx"), Otto aproveita, logo em seguida, para emendar.

> Otto - Mas, Nelson, eu, que me interesso muito por esse macabro e meio sinistro assunto da morte, sobretudo da vida depois da morte...
>
> Nelson – Otto, o homem só não anda de quatro porque morre. Portanto nada de subestimar a morte.
>
> Otto – Pelo contrário, eu tenho assim uma obsessão muito firme, mas eu queria dizer o seguinte: sobre esse assunto, essa necessidade de dizer as últimas palavras, que no fundo nós vivemos a cada dia, desde que nascemos, tentando dizer as últimas palavras. Dizer as palavras essenciais, dizer alguma coisa, balbuciar. O que é a arte se não essa necessidade de dizer as últimas palavras?
>
> Nelson – Isso é a literatura, a poesia, [isso de] dizer as últimas palavras. Você, Otto, caprichou nessa frase. Acho formidável essa improvisação do brasileiro.[5]

Mais à frente, quando a discussão se volta para a velhice e a incapacidade dos jovens em compreender o mundo, argumento defendido por Nelson e rebatido por Otto, os dois entram em uma discussão sobre líderes de pouca idade, a discussão acabando com mais uma frase que integra *Loja de Frases*: "Nelson, nós estamos em uma conversa e não em uma competição. Então longe de mim para pretender te dar uma chave de rim ou ganhar a discussão, porque da discussão não nasce a luz, nascem os perdigotos."

3.3 Dupla natureza

Principalmente após os anos 60 e 70, com as referências de Nelson, o programa na TV Globo e o já inflado folclore ao redor de Otto, que o identificava como gênio das frases e da irreverência, a fama só aumentou. É fato, no entanto, que enquanto homem aberto e disponível para os amigos, no trabalho e nas situações de lazer, o Otto que conversava consigo mesmo em momentos de solidão podia ser obscuro e depressivo.

[5] Disponível em: http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/painel/entrevista-de-otto-lara-resende-com-nelson-rodrigues.htm. Acesso em: 05/10/2017

Otto gostava de se trancar, de passar períodos sem sair de casa ou conversar com outras pessoas além da família. Muitas vezes, tinha uma aura de pessimismo que se refletia na indisposição para tratar assuntos corriqueiros ou produzir qualquer tipo de texto. Como diz o filho Bruno, o pai era um poço de contradições que começavam desde o ódio ao telefone – com o aparelho capaz de "chatear qualquer um na hora que quiser", como dizia OLR, era comum que fizesse de tudo para não ter que atender alguém e, quando vencido, passasse vários minutos pendurado, batendo papo. As razões para os "abismos insuspeitados" de que fala nas cartas a Murilo Rubião, responsáveis pelos períodos de solidão, podiam ser variáveis. Para começar, como dito na crônica de Nelson, Otto dizia ter nascido na Idade Média, afeito ao recolhimento e às antigas tradições expressas no dito popular mineiro lembrado pelo filho: "Boa romaria faz quem em casa fica em paz". Além disso, não eram raros os momentos em que se via outra vez confrontado pelos rumos que seguia, a "fuga à convocação literária" e a eterna obsessão em reescrever tudo o que fazia, em uma pena incessante. Em um de seus escritos pessoais, Otto, falando sobre si mesmo, diz que por dentro é um "porão cheio de ratos, baratas, aranhas, morcegos, escuro, melancolia, solidão". Na entrevista ao amigo Paulo Mendes Campos, respondendo à pergunta *Quem é OLR?*, diz em um trecho.

> Me pretendo o máximo de tolerante, entendo tudo, tolero tudo, mas quero ser exigente pra comigo mesmo. Daí me puno um pouco, tenho insônia, me deprimo. Passo de uma quase euforia, da felicidade animal, à depressão. Tenho depressões caninas, brutais. Fico jururu, vontade de sumir, me custa me pegar pela mão, ou me suspender ao nível da convivência, sair comigo, me levar para o trabalho, me impor a convivência. Eu não disse, aos 20 anos, que viver é fácil, conviver é que é difícil? Besteira de 20 anos. E de repente passa, passa quando menos espero, saio da depressão como quem sai, como quem salta de um buraco. (LARA RESENDE In: LONGO DOS SANTOS, 2003, p. 56-57)

Tanto nas cartas reunidas a Fernando Sabino em *O Rio é tão longe* (2011), quanto naquelas de *Mares Interiores*, em que seu interlocutor é Murilo Rubião, não é raro encontrar o Otto solitário e melancólico que poucos conheciam. Conversando com amigos em correspondências que podiam chegar a mais de cinco páginas, OLR sentia-se à vontade para expressar as frustrações e mostrar-se completamente diferente do personagem festivo esculpido por Nelson Rodrigues. Por mais que o bom humor também esteja presente nas missivas, o vemos lamentando-se sobre sua incipiente produção literária, sobre a vida no exterior, sobre os afazeres

burocráticos do cotidiano e os rumos que a vida vem tomando. Mesmo nos momentos em que vencia a própria resistência e saía de casa, voltando aos bate-papos infindáveis, essa indisposição podia se manifestar de maneira curiosa. Por mais que sempre chamasse a atenção e fizesse rir, lembra Humberto Werneck que, em mais de uma ocasião em que esteve com Otto, o *causeur* deu a impressão de se arrepender da performance com as palavras logo que acabava de falar, como se sentisse vergonha por ter se exposto.

> "Isso tudo é uma merda!", dizia o Otto sobre as próprias frases e tiradas, muitas vezes, depois de acabar de falar. Tinha alguma coisa nele que o levava a tentar se manter longe dessa parolagem, quase como se a rejeitasse até ser capturado, como dizia o Rubem Braga. Acredito que isso tinha muito a ver com o lugar e as condições em que nasceu. Em Minas, quando os meninos faziam muita gracinha, as mães diziam que o moleque andava muito "semostrador". Acho que era exatamente assim que ele se sentia. Debatia-se, era muito torturado. (WERNECK, 2017)

Sobre a persona criada por Nelson Rodrigues, Bruno Lara Resende afirma que o pai, apesar de incomodado, nunca se desentendeu com o colega jornalista. Desde a homenagem em *Bonitinha*, até as controversas inserções em suas colunas, a obsessão de Nelson rendia a Otto, pelo contrário, algumas brincadeiras – em uma delas, chegava a afirmar que apenas armado era possível estabelecer relações amigáveis com Nelson. Não era segredo, porém, que Otto considerasse que muitos dos folhetins e histórias escritos pelo amigo fossem de qualidade bastante ruim, segundo Bruno. Em atitude também destacada por Wilson Figueiredo e pontificada por si mesmo por meio de uma frase – "Sou visceralmente conciliador. A coisa que eu mais admiro no mundo é ponte" – Otto cultivava um aspecto conciliatório que se tornou sua marca registrada nos tempos de Rede Globo, em que sua função indefinida era compensada pela capacidade de intermediar problemas internos. Nem por isso, no entanto, OLR não se sentia à vontade de comprar brigas de acordo com a "forte coragem moral" de que lembra o filho. Em uma dessas, segundo Medeiros, tomou partido da expulsão, por ordem do governo militar, de Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athaíde) do *Jornal do Brasil*. Após a afirmação de que a retirada do colega o faria sair também, por vontade própria, o jornal voltou atrás, mantendo o colunista.

O lugar em que Otto mais naturalmente parecia melancólico e avesso ao personagem solar que fez fama, no entanto, é sua própria ficção. Desde os contos claustrofóbicos de *Boca*

do Inferno até a atmosfera interiorana de *O Braço Direito*, passando pelo conto *A Cilada* e a novela *A testemunha silenciosa*, os cenários, histórias e personagens que contemplam a ficção de OLR têm traços sombrios que em quase nenhum aspecto lembram o piadista inveterado. Único romance da carreira, *O Braço Direito* é um livro que resgata seu universo interiorano, mineiro e decididamente católico na figura de um protagonista que escreve em notas de diário, sempre na primeira pessoa, a respeito do universo triste de um abrigo religioso para órfãos, do qual toma conta nos afazeres mais práticos. A prosa melancólica resgata os personagens comuns desse espaço – o padre, o benfeitor, o coronel, a louca que vaga pelas ruas da cidade, as crianças bastardas, os pequenos proprietários de terra, o médico, as viúvas que ajudam o orfanato. O protagonista Laurindo Flores, cujo nome só é dito uma única vez em todo romance, registra os acontecimentos que tomam parte nesse cenário como observador também passível de ódio, falsidade e impaciência. Por vezes, maldiz o destino que o fizera preso na fictícia cidade de Lagedo, vivendo, ele também, entre os órfãos, sem família ou alguém que amasse. Nas palavras de Antonio Candido, que escreveu a quarta capa da edição de 1993:

> Este livro poderoso e estranho é narrado na primeira pessoa pelo zelador de um orfanato no interior de Minas. Otto Lara Resende elaborou um estilo que adere ao modo de ser do personagem narrador, traduzindo a sua mediocridade, a sua angústia e ao mesmo tempo a sua busca de uma pureza cheia de equívocos, dominada pela obsessão do pecado. (CANDIDO In: LARA RESENDE, 1993)

O Braço Direito não foi exatamente um sucesso. Além disso, Otto nunca se deu por satisfeito com a estrutura da prosa e até o ano de sua morte, em 1992, reescreveu o romance várias vezes, jamais apontando-o como completo. A edição mais recente, de 1993, foi feita utilizando a última versão dos rascunhos, ainda assim incompletos. Nelas, é possível perceber uma tendência geral de Otto para o conselho atribuído à Carlos Drummond de Andrade, segundo o qual escrever é a arte de cortar palavras. Com frases mais curtas, ideias menos dilatadas e descrições bastante moderadas, as duas edições formam um bom exemplo da obsessão do autor em relação à palavra escrita. A edição constante e desenfreada era, aliás, uma das marcas de Otto que servia tanto para lhe satisfazer, quanto torturar. Maníaco por bilhetinhos indicando alguma orientação aos copidesques, preciosista da condição que suas frases tinham oralmente, escritor que em qualquer ocasião conseguia somar outras emendas a qualquer escrito seu – desde cartas até as crônicas – Otto não lidava bem com o que tinha produzido, dizendo sofrer de

bibliofobia, ou horror aos próprios textos. Não aguentava se ver em livrarias, nem costumava deixar que seus livros tivessem reedições. Como diz Humberto Werneck, o Otto que fala para si é bastante particular.

> O Otto quando está conversando com ele, o negócio fica preto, e ele aí não tem nenhuma soltura, não. Ele é o cara da elaboração vírgula por vírgula. Que nas raras vezes em que aceitou ser republicado, refez aquele negócio interminavelmente. Ele tinha um verbo interessante, o "despiorar". Você escreve, depois você *despiora*. Foi o que ele morreu fazendo. (WERNECK, 2017)

3.4 Otto e a conversação teorizada

A arte de conversar, como a retórica e a oratória, é assunto teorizado desde a antiguidade. Em tratados, ensaios e discursos de oradores como Horácio e Cícero (que, inclusive, Otto cita na entrevista com Nelson), a conversa aparece como ferramenta para a discussão e a exposição de ideias, de modo que argumentos sejam tão importantes quanto a forma com que são articulados. A tradição política greco-romana nas formas democrática e republicana permitia que debates ocorressem e favorecia o aparecimento de homens habilidosos na capacidade de convencer a partir da oralidade. No ensaio *Da Arte de Conversar*, já no século XVI, Michel de Montaigne retoma a tradição clássica citando os mesmos Cícero e Horácio em um texto sobre os ganhos alcançados durante uma conversa, fazendo, dentre outras, a afirmação de que “o mais proveitoso e natural exercício do nosso espírito é, a meu ver, a conversação” (MONTAIGNE, 1984, p. 418). Montaigne defende que o livre debate, por mais que o resultado nos prove errados ao fim, permite encontrar a verdade, o que “muito o alegra”. Já sobre a conversa descompromissada, que não envolve nenhuma disputa de ideias, o ensaísta francês é taxativo.

> Gosto de discutir e conversar, mas é com pouca gente e para meu proveito. Pois servir de espetáculo aos grandes e fazer exibição de espírito, são coisas que não considero recomendáveis em um homem de bem. (MONTAINGE, 1984, p. 418)

Nessa perspectiva, Otto não é exatamente o que Montaigne chamaria de grande exemplo na arte da conversação. Ainda assim, o ensaísta aponta como uma das principais características da conversa a habilidade de transmitir ao interlocutor uma quantidade de conhecimento por via natural, sem a postura empostada das aulas ou a erudição dos livros. Conversando, portanto, existe a possiblidade de que os dois ou mais participantes saiam dessa experiência, se não convencidos das razões do outro, ao menos um pouco mais conscientes dessas outras

possibilidades. Mais do que a oportunidade de expor ideias, a conversa, desse modo, funciona como forma de troca, o que não impede, no entanto, que "tolos", como escreve Montaigne, também possam fazer mal uso dela. Não é o caso de Otto. Tanto Humberto Werneck, quanto Wilson Figueiredo e o filho Bruno Lara Resende lembram que a erudição às avessas de OLR fazia qualquer simples bate-papo ganhar contornos de obra pensada, na qual a risada e a reflexão eram constantes. Como disse Werneck: "Tem muita gente que é inteligente, mas não dá conta de colocar essa inteligência em uma fórmula feliz, rica, graciosa. Isso o Otto tinha num grau extremo" (WERNECK, 2017). O que avaliza Montaigne: "Todos podem dizer verdades, mas dizê-las com ordem, sensatez e pertinência poucos o fazem. Por isso não me ofendo com o erro que vem da ignorância e sim com a inépcia." (MONTAIGNE, 1984, p. 421)

Seguindo a tradição francesa que continuou, ainda na Idade Moderna, a escrever sobre a arte de conversação na esteira dos encontros, jantares e reuniões em salões de uma incipiente burguesia, diversos tratados sobre a maneira correta de levar uma conversa foram escritos entre os séculos XVII e XVIII na França. Reunidos no volume A Arte de Conversar (Martins Fontes, 2001), o organizador Alcir Pécora diz no prefácio que "se há um princípio geral nos tratados é o de que a arte da conversação se forma menos dos livros que da 'boa companhia', isto é, por experiência e 'impregnação', enquanto técnica de adquirir o ofício 'que não se deve sentir'" (PÉCORA, 2001, p. VII). São importantes aqui a maneira exata de se expor alguma ideia, os usos do tom de voz, os gestos, a maneira de se portar, o *savoir-vivre* e o *savoir-plandre*. Dos mais famosos nesse sentido, o tratado do abade André Morellet (1727-1819) lista onze "vícios" inerentes ao mal conversador, que acabam por estragar toda experiência de boa conversa. Discutidos em seções separadas por Morellet, são eles: "a desatenção"; "o hábito de interromper e de falar vários ao mesmo tempo"; "o afã exagerado de mostrar espírito"; "o egoísmo"; "o despotismo ou espírito de dominação"; "o pedantismo"; "a falta de continuidade na conversação"; "o espírito de pilhéria"; "o espírito de contradição"; "a disputa"; "a conversação particular em substituição à conversação geral". Mais do que apenas alertar para os erros, o abade aponta a maneira correta de se conduzir uma conversa.

Em "O afã exagerado de mostrar espírito", diz Morellet, após criticar aqueles que a todo instante têm o desejo de dizer algo genial: "abandonar-se ao curso natural das ideias e ao movimento do espírito, aí está um meio seguro de agradar na conversação, mesmo para aqueles

que têm um talento medíocre e conhecimentos pouco extensos.” (MORELLET In: PÉCORA, 2001). Como frasista e homem com senso de humor apurado, o Otto que se via às voltas com um “certo pudor em se destacar muito”, como diz Werneck, certamente tinha na razão de seu incômodo a falta apontada por Morellet. A natureza de sua conversa, no entanto, será o que mais tarde é possível encontrar em suas crônicas – um abandono ao “curso natural de ideias” que, de um ponto específico, perde-se em diversos outros micro-episódios, lembranças e referências, em um trajeto que não segue em linha reta, mas mantém a lógica e a genialidade.

Marca profunda na retórica de OLR, o humor também é tratado nos escritos de Morellet como um fator da conversação que deve ser dosada com parcimônia. O exagero em buscar as risadas é visto com tanta reprovação quanto a ausência completa delas, em conversas consideradas “insossas”.

> A primeira, e a pior espécie de espírito pilheriador, é aquela dessas pessoas que vivem procurando, em tudo quanto se diz, o lado que se pode prestar ao ridículo, e que se encontra sem dificuldades nas coisas mais sérias. Desvirtuam assim, com uma palavra, o que se disse de mais engenhoso e, algumas vezes, de mais profundo. Os contrastes são a mina onde mais garimpam, e sabe-se quão fácil é esse gênero. (MORELLET In: PÉCORA, 2001, p.152)

Sobre o “espírito pilheriador” de Otto, traduzido em inúmeras piadas e episódios, tanto Humberto Werneck quanto Wilson Figueiredo alertaram que, apesar de sua constância, ele não vinha de forma descontrolada. Tão mais comum quanto ver um Otto capaz de provocar as risadas era encontrar um homem reflexivo que trocava as brincadeiras por uma atitude contemplativa, desejando mais ouvir que falar. Segundo Werneck, OLR conseguia se destacar sem tomar o lugar das outras pessoas nas rodas de conversa, sabendo respeitar o espaço de cada um. Para Figueiredo, a capacidade de escutar podia ser ainda maior que a de bater papo.

> Além de tudo, o Otto era um ser humano incrível, que sabia exatamente como tratar os outros, como se aproximar dos outros. As pessoas procuravam ele para qualquer coisa, esperando encontrar uma ajuda, alguém que desse um apoio. Tanto quanto falar, sabia ouvir muito bem e essa é uma coisa que me marcou profundamente. (FIGUEIREDO, 2017)

Retomando esses mesmos tratados modernos sobre a conversação assinados por André Morellet, além de outros autores franceses e italianos do mesmo período, o historiador britânico Peter Burke assinala a importância desses textos não tanto para a possibilidade de se falar bem

nos ambientes descritos, mas enquanto exemplos de estudos pioneiros sobre comunicação. Fazendo uma análise histórica da importância dada às conversas principalmente nas sociedades italiana e francesa da modernidade, Burke investiga o surgimento de certos hábitos orais, bem como o desaparecimento de outros, e sua relação com a ideia geral de conversação que se tinha na época. Para além de simples manuais para a boa conversa, esses tratados e ensaios afirmam a condição primordial que a perícia oral tinha para essas sociedades, desde seu uso em situações políticas até o entretenimento dos salões burgueses. Sem dúvida, aqueles que manejavam melhor o dom da palavra alcançavam posições mais destacadas entre os convivas, o que se refletia em postos e cargos de importância. Mais ainda, Burke dá exemplos de como a escrita influenciou historicamente a maneira de se conversar.

> Por exemplo, uma coletânea de contos publicados em Florença, em 1572, intitulava-se *Livro de histórias e do falar belo e nobre (Libro di novelle e di bel parlar gentile)* como se os diálogos devessem ser consultados pelos leitores que quisessem aperfeiçoar seu estilo de falar. Nas instruções que deu a seus filhos na década de 1580, um advogado siciliano, Argisto Giuffredi, aconselhava-os a lerem histórias, narrativas e livros de piadas, porque histórias adequadas ou ditos espirituosos "podem causar boa impressão em uma conversação". (BURKE, 1995, p. 156).

A relação de Otto, a conversação e a palavra escrita, porém, viria melhor na forma inversa – da oralidade para os textos – e será vista em toda sua potencialidade nas cartas e crônicas que escreveu.

4. CONVERSANDO NA OBRA

Aqui jaz Otto Lara Resende

Mineiro ilustre, mancebo guapo.

Deixou saudades, isso se entende:

Passou cem anos batendo papo.

Fernando Sabino

Com exemplos do que escreveu em matéria de crônica e carta, o capítulo investiga de que forma esses textos estão envolvidos com a habilidade de conversar que Otto trazia tão acentuada. Como missivista obsessivo e cronista de sucesso, os dois gêneros são explorados na visão de OLR em contrapartida com seu trabalho na ficção. É feita uma breve análise de ambos os tipos de texto e de que forma sua natureza está ligada à oralidade.

4.1 Crônicas

Poucas coisas foram tão providenciais na vida de Otto Lara Resende quando, já aos 69 anos, o cargo de cronista diário na Folha de S. Paulo foi-lhe ofertado. De longe, a crônica foi o formato literário em que mais alcançou o sucesso – tinha retorno dos leitores todos os dias, as pessoas lhe mandavam recados elogiando seu estilo e a escolha dos assuntos, além de se mostrarem preocupadas com o desfecho de dramas pessoais descritos nos textos, como o sumiço de Zano, seu gato. Segundo Humberto Werneck, que organizou as crônicas no volume *Bom dia para nascer* (2011), a resposta positiva foi imediata, o que surpreendeu o autor, motivando-o a continuar com o trabalho sem interrupções até as circunstâncias que levaram à sua morte. Ao todo, foram 508 textos que põem em discussão desde o conturbado momento político vivido pelo país durante o governo Collor até reminiscências interioranas, considerações a respeito de animais, estranhezas da língua portuguesa e episódios cotidianos. Otto, que àquela altura já

reunia diversas passagens na imprensa, encontrava o estilo que mais se aproximava da sua natureza disponível e bem-humorada presente na conversa pela qual ficara conhecido.

A estreia como cronista veio na melhor hora possível. Segundo Medeiros (1998) Otto passava por uma fase bastante ruim após a demissão da Rede Globo, em outro de seus períodos depressivos que levavam em conta todos os problemas antigos relacionados à carreira e à literatura. Andava sumido dos jornais passava muito tempo em casa, na companhia apenas da família e de amigos íntimos. Além disso, viveu alguns episódios de violência que o deixaram receoso quanto ao Rio de Janeiro. Em 1984, deu uma entrevista à mesma Folha de S. Paulo em que dissera "não ter vivido a vida que gostaria". A angústia só encontrou solução no fim da década, quando Matinas Suzuki Jr., então um dos editores do jornal paulista, o convidou para escrever diariamente em um espaço de 2040 caracteres na parte baixa da página 2. Apesar de já ter escrito textos mais leves e bem-humorados no jornal – como os perfis na década de 70 em *O Globo*, sobre grandes figuras que conhecera, Otto jamais tinha se aventurado pelas crônicas. O desafio era inédito e, àquela idade, não seria uma surpresa se Otto não aceitasse. Como pontua Medeiros, a tarefa requeria fôlego e compromisso de um jovem jornalista, afinal era uma contribuição entregue seis vezes na semana. Nessa época, OLR era quase septuagenário e nunca tinha se metido a escrever em um formato tão limitado pelo espaço. O problema do tamanho foi rotineiramente resolvido a partir de "períodos curtos, lampejantes, que resumiam num haicai ideias de dois ou mais parágrafos" (MEDEIROS, 1998, p. 129).

OLR estreou em 1º de maio de 1991, dia de seu aniversário, com a crônica *Bom dia para nascer*, em que repetiria uma fórmula consagrada nesses textos. Otto começa falando da idade e dos acontecimentos que se passaram no ano em que nasceu para logo entrar nas origens do Dia do Trabalho e terminar fazendo aqui e ali alguns apontamentos sociais no Brasil de então, tudo isso sem perder a graça: lembrando do icônico conflito originário do feriado, em que quatro operários e sete policiais morreram em Chicago, afirma ter sido esse o "primeiro e último escore a favor do trabalho". Já em *O outro foi melhor*, crônica alguns meses depois da estreia, Otto aproveita o dia de eclipse para relembrar quando, no começo da carreira como jornalista, foi até Bocaiúva acompanhar uma comitiva de cientistas na observação do fenômeno astrológico, em outro estilo de crônica que seria comum vê-lo escrevendo, em que conta episódios de sua carreira.

> Hoje é dia de eclipse. Como a natureza é pontual. O espetáculo tem hora para começar e acabar. Não quero contar vantagem, mas tenho alguma experiência no ramo. Acompanhei como repórter o eclipse de 7 de maio de 1947. Sem falsa modéstia, posso dizer que cobri o eclipse. E não foi um eclipsezinho qualquer, não. Foi um senhor eclipse, muito mais falado e comentado do que o de hoje. A guerra tinha acabado havia dois anos e estava no ar uma porção de teorias novas e inovadoras que era preciso tirar a limpo. Nada como o escurinho do eclipse para raiar a luz da verdade científica. Se dependesse do Departamento de Estado ou do FMI, o eclipse, esse de 1947, seria visível só em Washington. Mas o Truman, que era o presidente americano, teve de se curvar diante do Brasil. Do Brasil, não; diante de Minas Gerais. [...] O povo de Bocaiúva ficou apavorado. Desde a Antiguidade que eclipse assusta muito e é tido como sinal de mau agouro. Por via das dúvidas, convém bater na madeira. E vejam só: voltamos num avião militar americano, que sofreu um acidente. Vítima, meu retrato saiu nos jornais. Disseram que sofri perda de substância. De fato, quebrei a cabeça, mas nunca soube que substância é essa. Sinto, porém, que me faz muita falta. (LARA RESENDE, 2011, p. 15-16)

Segundo Werneck[6], nas crônicas, Otto assumia um estilo que se aproximava do leitor pelas frases curtas e os temas cotidianos. Nesse sentido, funcionou bem o fato de que na página 2 da *Folha* reinavam as colunas de aspecto político-econômico. Os textos de OLR davam à sisudez da cobertura jornalística um respiro importante, ideia cultivada pelos que incentivaram sua vinda para o jornal. Ainda assim, nem todas as crônicas atentavam apenas para os aspectos mais leves do dia-a-dia ou apenas reminiscências fora das discussões de cunho social. Otto tinha horror de ser tomado por alienado político, embora o ativismo nunca tenha sido seu forte, como foi o caso do amigo Hélio Pellegrino. Hélio, aliás, costumava provocar o conterrâneo dizendo ao tom de brincadeira que seu período como adido cultural na Europa, durante os anos de regime militar no Brasil, teria sido uma forma de avalizar a ditadura (MEDEIROS, 1998, p. 100). Com bom-humor e inteligência, no entanto, Otto fez críticas sociais mais de uma vez em seus textos da *Folha*, como quando escreve contra o presidente Fernando Collor em *A universal banana*. No texto, Otto utiliza o gesto feito pelo governante (a tal "banana") para adentrar a história do xingamento e desaprovar sua conduta.

Como grande apreciador da língua portuguesa, Otto também se deliciava com os assuntos que envolviam palavras, expressões, frases, nomes próprios e outros aspectos da gramática. A língua falada e escrita é tema de, no mínimo, 35 crônicas reunidas, na compilação,

[6] Em entrevista concedida ao autor em 16/06/2017, Rio de Janeiro.

sob o nome de *Epidemia Polissilábica* – título de um dos textos sobre o assunto. Nesses casos, Otto escolhe palavras que o intrigam, muitas vezes recorrendo à etimologia, citando exemplos da Antiguidade, histórias pessoais ou de amigos conhecidos, como no caso de Nelson Rodrigues, extasiado ao saber da existência do sobrenome "Varanda", ou Manuel Bandeira e sua curiosidade gratuita a respeito de um hotel chamado Península Fernandes. Em uma das crônicas, OLR dedica-se aos palíndromos, citando, entre eles, o próprio nome. Em outra, apresenta e discorre sobre a triscaldecofobia, o surpreendente medo do número treze e, ainda mais surpreendente, a palavra que o identifica. Já em *A princesa e o padeiro*, fala sobre nomes estranhos, outro assunto de sua predileção.

> [...] Entre nomes que já foram nobres e bonitos, citei Urraca. Cem por cento português. Quem está no Brasil há várias gerações e vem do tronco lusitano pode procurar na sua árvore genealógica e logo acha uma remota Urraca. Parece arroto, me telegrafou um leitor. O mau gosto corre por sua conta. Por sinal ele tem um nome que, além de inglês, é *family name* no mundo anglo-saxão. Coincidência aconteceu com uma senhora paulista que também nunca tinha ouvido falar em Urraca. Parece pigarro, disse ela, assim que me leu, e foi passar o fim de semana na sua bela fazenda, entre convidados brasileiros e estrangeiros. Uma amiga ficou de levar uma princesa. Italiana, mas encontro de várias casas reais. Na hora da apresentação, como se chama Sua Alteza Sereníssima? Urraca. Há vinte anos não vinha ao Brasil. Titulada e brasonada, setenta e nove anos, Urraca a todos cativou. Mais bonitos que o dia, só os seus olhos. (LARA RESENDE, 2011, p.167-168)

Como se pode ver, as crônicas também funcionavam de acordo com a recepção dos leitores. Otto, que já tinha citado o nome Urraca em crônica anterior, na qual o assunto principal não dava conta dele exatamente, volta ao tema a partir das respostas que obteve. Também povoam os 2040 caracteres uma predileção zoológica. São textos, dentre outros, sobre jumentos, vacas, tatus, gatos, garças, jacarés, cachorros, onças. Em uma das últimas crônicas antes de interromper a contribuição e realizar a cirurgia cujas complicações o levariam à morte, o assunto escolhido dá conta, com parcimônia e considerações a respeito de etimologia, de baratas (*Viagem etimológica*). O inseto é apresentado, primeiro, nas suas diferentes versões no Brasil e nos EUA, seguido de um pequeno episódio em que Otto e um desses "ortópteros" protagonizam um tenso encontro, a crônica concluída com a eterna curiosidade de OLR com relação à língua portuguesa. O medo de baratas, o nojo a esses insetos e a cansativa tarefa de livrar-se deles também estão envolvidos em um texto que, bastante representativo do estilo do autor, viaja por

diferentes níveis de erudição, trata de episódios pessoais e lida com uma série de idas e vindas no formato da abordagem. É como se a cada parágrafo, Otto tratasse do tema de uma forma diferente, sem perder a originalidade e a leveza.

> Eu nunca disse, minha amiga, que a barata é um feio privilégio do Brasil. É universal. Você sabe melhor do que eu que no verão Nova York fica literalmente entregue às baratas. Só que as de lá, do hemisfério norte, são miudinhas. Rápidas, campeãs olímpicas de corrida de fundo. No que você acende a luz, ziguezagueiam aflitas e escapam. Fizeram milenar estudo de balística. Não é qualquer vassourada ou patada que as derrota. [...] Também eu não morro de amores por essa fúnebre criatura. Tinha acabado de topar com uma, no topo da escada. Estacamos, ela e eu. Olhos nos olhos, juro, medimos nossas forças. As mãos ocupadas, reconheço que dei parte de fraco. Estremeci. Ela, firme, fazia um silêncio espesso. Cascudo mesmo. É possível que chiasse um fiozinho de ironia, antenas alertas [...]. Até lá, fui à etimologia, como lhe disse. Peguei a palavra como se pegasse um inseto. Que fazer? É o meu ofício, minha amiga. Pelo dicionário do dr. frei Domingos Vieira, edição de 1871, vem do grego – *blaptô*. E que dizer "faço mal". O latim, *blatta*, deu *brata*. Engoliu um *a* e se fez barata. A intercalação da vogal é uma modalidade de epêntese que se chama suarabácti. A exótica expressão é tomada à gramática hindu. Desenvolve-se por anaptixe [...]. A esta altura, cá entre nós, o maior barato. Ou não? (LARA RESENDE, 2011, p. 416-417)

O Brasil, seu povo, história, identidade e *background* político também é um tema que Otto se delicia e onde pode escrever com maior acidez. OLR pinça frases, clichês e pensamentos sobre a identidade brasileira, destrinchando-os com bom humor. O país aparece como uma de suas questões fundamentais tanto pela natureza cultural do povo quanto pelos diversos chavões normalmente atribuídos a ele. A partir de sua já mencionada curiosidade insaciável pelas pessoas, são traçados textos em que esses clichês não são massacrados com brutalidade, mas com ironia e humor. Para isso, Otto recorre à comparação com outros países, rememorando o tempo como adido cultural e as oportunidades que teve de conhecer diversas nações, visitando do Japão ao Polo Norte. No mesmo rol de textos, o autor também conta uma série de histórias sobre bastidores políticos que viveu, sua amizade com governantes, entre outros episódios. No texto *O jeitão dele*, consegue unir identidade nacional e insetos.

> Digamos que você ouça da boca de um americano de um alemão o seguinte: "O Brasil sempre foi o retrato de um gigante abobalhado". Ou que você leia isso no texto de um desses *brazilianists* que estudam o Brasil de longe e se esforçam por entendê-lo. O Brasil entra aí como uma peça de laboratório, que desafia o pesquisador e o intérprete. O

> cientista social, no caso um estrangeiro, olha o Brasil como um entomólogo olha um inseto [...]. Por uma associação de ideias, que é a estrada real da memória, estou me lembrando de uma velha anedota escolar. O professor de ciências naturais exibiu ao aluno um besouro e lhe pediu a classificação [...]. Enquanto o aluno mergulhava nos arcanos de sua ignorância, o besouro começou a andar, doido também para se livrar do exame. Oral, ainda por cima. Foi aí que o aluno teve uma iluminação: "Professor, olhe só o jeitão dele". Nenhuma dúvida: era o jeitão de um coleóptero [...]. Com a quilometragem que tenho hoje, compreendo esse misto de amor e raiva com que falamos do Brasil. O jeitão dele é esse mesmo. Escusa explicar por que é um coleóptero. Ou um gigante. Abobalhado? Ou deitado em berço esplêndido. Tanto faz. (LARA RESENDE, 2011, p. 300-301).

Os textos de Otto, segundo Humberto Werneck, foram de um sucesso que ninguém esperava, nem mesmo o autor. No posfácio, o responsável por trazer Otto ao jornal, Matinas Suzuki Jr., e o colega de página 2 Gilberto Dimenstein, afirmam que o efeito foi visível entre os leitores da Folha de S. Paulo. "Poucas vezes a gente teve uma repercussão igual.", disse Matinas na época (WERNECK In: Lara Resende, 2011, p 425). Werneck, um correspondente frequente de Otto durante esses anos, recebeu cartas em que OLR expressa sua opinião a respeito do período. Acostumado à tal bibliofobia e ao costume de uma escrita obscura presente em sua ficção, Otto via-se pela primeira vez em contato com um texto do qual não tinha enormes expectativas. Mais de uma vez, o então cronista dissera, em outro exemplo de suas frases marcantes, que "texto de jornal é estação de trem depois que o trem passou. Deixou de ter interesse". Essa maneira de enxergar a nova empreitada, além de libertá-lo em parte de sua complicada relação com a edição e a reescrita, permitia manter um ritmo de produção importante. Embora ainda não tenha sua obra reconhecida em larga escala e possa ser considerado desconhecido do grande público, é possível dizer que durante o período como cronista, a habilidade de OLR com a palavra escrita foi de fato reconhecida, o que ele mesmo expressou em trecho do posfácio de *Bom dia para nascer*.

> Se "descobriram" OLR, não sei. Para mim, claro que é agradável ser "novidade", como diz você. Gostaria de ser um rapaz velho, mas é preciso cuidado para não exagerar e virar velhinho gaiteiro. Envelhecer com dignidade é difícil. "Ninguém finge a idade" (Nabuco ou Machado?). "Deve-se ter a idade que se tem" (Tristão?). Quando o leitor "descobre" a minha idade, se já não a sabe, em geral tende a me ver com mais simpatia. É o que me parece. Sou agora o "pai" ou o "avô" que olha a vida com serena compaixão e com *sense of humour*, na medida

> do possível. Se consigo ser isto mesmo, não cabe a mim dizer. (LARA RESENDE, 2011, p.426)

Sobre o período como cronista, tanto Werneck, quanto Wilson Figueiredo e o filho Bruno Lara Resende afirmam que, nele, Otto esteve em sua última grande fase. Dizendo que a genialidade da conversa encontrava ressonância nesses textos, Figueiredo se lembra com alegria da qualidade que tinham: "A crônica do Otto sempre tinha um salzinho. Era onde ele conseguia demonstrar toda sua capacidade", afirma (FIGUEIREDO, 2017). Já para o filho Bruno, o Otto cronista funcionava como extensão do homem cultivado que era no dia-a-dia, conseguindo reunir em torno desses textos toda a genialidade que demonstrava aos amigos em seus encontros. Werneck, por sua vez, associa claramente o sucesso das crônicas e o estilo de Otto nesse formato à sua capacidade para conversar. A profusão de idas e vindas, o modo "cheio de curvas" e a facilidade como encontrava recursos linguísticos para tratar de qualquer assunto, em sua opinião, vinha sem dúvida de um bom conversador. A crônica, nesse sentido, alia-se com a conversa e potencializa o tradicional tom cotidiano presente nesses textos. Mais do que uma oportunidade de deslanchar em um estilo que tinha todas as características em comum com seu jeito de ser, o OLR das crônicas encontrou, aos 69 anos, uma vitalidade, ritmo de produção e verdadeira alegria de escrever que não o atingiram a vida inteira. Enxergou-se, segundo o amigo conterrâneo, empolgado com a repercussão do projeto e adquiriu, como diz Werneck, certa "ereção literária tardia".

> Acho que nesse final da vida o Otto resolveu salvar o lado escritor dele. Creio que foi porque ele olhou muito pro Fernando (Sabino). No final da vida acho que ele estava tentando reacender o foguinho da literatura, aquela coisa Edith Piaf de *ne me quites pas*, mas morreu na praia. Ele estava outra vez energizado no fim da vida, o ego mais duro por conta do sucesso dele como cronista. Foi um sucesso que não se imagina como foi. Você tinha um texto diferente, o Otto tinha um jeito, uma clorofila, um certo modo de ver incrível. Ele falou muito, nas crônicas, sobre o cai não cai do Collor. E ele tinha um jeito de falar daquilo, que não era só sedutor, mas o olho dele via esses acontecimentos de uma outra maneira, um olho de puta velha, de jornalista. (WERNECK, 2017)

4.2 Cartas

Em 1994, quando os Correios resolveram homenagear Otto estampando seu rosto em um selo, Fernando Sabino disse que a homenagem não poderia ser mais justa, uma vez que fora

OLR o mais assíduo correspondente que tinha visto. Otto confirmava a fama e mostrava-se atento à quantidade descomunal de cartas que trocou durante a vida, uma vez que não foram poucas as vezes que disse ser viciado em "cocaína postal". Seus arquivos, sob a guarda do Instituto Moreira Salles, no Rio, reúnem mais de 8 mil cartas catalogadas. As missivas eram desde pequenos telegramas, como em vários momentos da correspondência com Murilo Rubião, até enormes cartas em que discorre sobre suas angústias, conta casos e até palpita no trabalho de alguns amigos escritores. Nesse formato, Otto se sentia bastante à vontade para se abrir, e nele o vemos xingando alguns desafetos, falando mal dos outros, lamentando-se com alguns acontecimentos, entre outras atitudes. Em ocasiões marcantes, Otto escreve ao amigo historiador Francisco Iglesias sobre a morte de Hélio Pellegrino pouco depois do falecimento dele, e à filha Helena Cristina Lara Resende, a Heleninha, quando ainda era apenas um bebê em gestação. A temporã, aliás, seria um dos assuntos prediletos de Otto, motivando um texto para a revista *Pais e Filhos* em que lança outra de suas frases famosas: "Consegui ser avô de minha filha e pai de minha neta, eliminando a mediação antipática do genro."

Otto teve vários interlocutores conhecidos nas cartas. Talvez um dos poucos que o superam em volume de correspondência, Mário de Andrade foi um desses que exerceram grande influência na vida de OLR e seus amigos de Belo Horizonte quando jovens, trocando mensagens com alguns deles até sua morte, como foi o caso de Fernando Sabino. Muito amigo de escritores como Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, Rubem Braga e, é claro, os outros três *vintanistas*, Otto escreveu cartas que guardam um incontestável valor literário na área da epistolografia brasileira. Endereçado a ele, por exemplo, Paulo Mendes Campos escreveu, poucos meses depois de ter chegado ao Rio de Janeiro, em 1945, uma famosa carta em que relata as tristes impressões de um mineiro desterrado, texto reproduzido no fac-símile *Carta a Otto ou Um coração em agosto* (IMS, 2012).

Da correspondência de Otto foram publicados dois livros, em que seus interlocutores são Fernando Sabino e Murilo Rubião. Nas 400 páginas de *O Rio é tão longe*, em que conversa com Sabino, vemos um Otto bastante à vontade com o amigo de adolescência durante todo o período de 26 anos que a edição dá conta (1944 até 1970). Nesse tempo, acompanha-se a o amadurecimento de OLR frente às suas questões pessoais, intercalando momentos de bom

humor com confissões mais obscuras. É comum encontrar, nesses textos, uma inclinação para os pequenos acontecimentos do dia a dia, assuntos que Otto relata com prazer ao amigo. Muitas dessas cartas tratam da literatura que ambos vinham fazendo, com OLR comentando a respeito da qualidade que tinham, bem como a recepção por parte do público. Nesse caso, o diálogo acontece em via única, uma vez que as cartas de Fernando não estão incluídas no livro. Humberto Werneck, que organizou a edição, classifica o Otto das cartas como um "tagarela impenitente", título de seu prefácio. Nele, afirma que muitos dos "afortunados destinatários" de Otto desconfiavam que a melhor versão do escritor estivesse mesmo nas cartas, pois ali espalha sua prosa "ágil, inteligente, cintilante, ainda que não tivesse esperança de retribuição". Otto, sobre isso, afirmava que o brasileiro é tagarela, mas pouco postal: "Milhões nascem, vivem e morrem sem saber o que é uma carta. Ou um selo. Em país civilizado, todo mundo tem sua hora para correspondência. Não é grafomania. É civilidade." (LARA RESENDE, 2011).

Otto podia demorar, mas não deixava carta sem resposta. Mais que isso, reclamava de quem tinha o costume de não responder as suas – são várias as vezes em que faz isso, citando nomes, em ambos os livros. Os amigos e conhecidos, seus episódios e últimas notícias são dos temas mais recorrentes, mais até que o próprio autor em alguns momentos. Otto permitia-se contar histórias inteiras a respeito dos colegas de embaixada, nos anos em serviço fora do Brasil, mesmo que elas não o envolvessem diretamente. Deliciava-se ao dar notícias dos outros por escrito em uma época que a comunicação intercontinental mostrava várias dificuldades (em um dos textos, escreve que "voz de interurbano é diferente por causa da conta"). Em um dos casos em que os protagonistas são os colegas, narra as desventuras da colega de embaixada Lucy Teixeira durante sua viagem à Inglaterra. A situação, recheada de percalços, reviravoltas cômicas e o que parece ser uma eterna má sorte da protagonista foi tão admirada por Fernando Sabino que, mais tarde, tornou-se crônica em suas mãos. Em outras ocasiões, Otto conta micro episódios, faz piadas e analisa com desenvoltura histórias próprias, como aquela em que perde seu cachecol "como num filme de Carlitos", ou outra na qual seus colegas de trabalho na Bélgica fazem uma espécie de ritual para queimar um chapéu que usava, considerado de muito mau gosto pelos demais.

> E passaram a bombardear o meu lindo chapéu, comprado em Paris, com o Mozart Valente. O chapéu, coitado, realmente tomou uns ares capiaus,

> virou chapéu de tio do Emílio Moura. Então o Gouthier preparou uma vaquinha e perdeu todo um dia para comprar um chapéu tipo gelô para mim. Preto, elegantíssimo, de abas viradas. Depois fizeram um auto de fé condenando o meu chapéu parisiense (dito nesse auto de "Matozinhos"), depois me botaram numa sala, solenemente, com todo o pessoal da embaixada servindo de inquisidores, sentados em alas em torno do réu. Leram-me o auto de fé, condenando meu chapéu à queima. Depois, com gasolina adrede preparada, queimaram-no, com risco de incendiar a embaixada. (LARA RESENDE, 2011, p. 56-57)

Nas cartas, como na crônica, é comum que Otto vá de um assunto a outro com muita naturalidade, passando por diversos tópicos aparentemente desimportantes, como se faz em uma conversa. A diferença, nesses casos, reside na perícia da palavra escrita, no talento formal e no zelo que tinha com os detalhes, no que pode ser visto como outra manifestação de sua disposição para editar tudo o que escrevia. Em carta para Werneck em 10/01/1990, por exemplo, é possível ver algumas correções tanto no meio do texto quanto frases inteiras nas margens – em uma delas, aliás, Otto se arrepende de ter dado ao amigo uma edição de *O lado humano* sem emendas. Werneck, também afirma que OLR segue diferentes graus de intimidade e "abertura" de acordo com o gênero: "O ficcionista é aquele cara cheio de sombras, o articulista é um pouco mais despojado. É nas crônicas que ele solta a franga, só não tanto quanto nas cartas." Com Fernando Sabino em *O Rio é tão longe*, sente-se à vontade inclusive para escrever pontas soltas de pensamentos aparentemente confusos, como em carta de 1958.

> Quero escrever uns contos, umas coisas.... Hoje, estou decididamente convencido de que o homem (eu inclusive) é um ser mortal. Sobre isso, não tenho a menor dúvida. Tenho visto morrer muita gente boa, dessa eu não escapo. Se a morte é certa, a vida é quase sensaborona. Os sputniks russos e americanos não me espantam. Já não tenho medo do frio e a asma foi definitivamente banida da face da Terra. Foi-se o tempo dos asmáticos. Pelas estatísticas, o câncer tabágico mata 6 mil pessoas por ano só na França. Todos os que escapam a esse flagelo também morrem, o que é extremamente consolador para os cancerosos. (LARA RESENDE, 2011, p.66)

Com Murilo Rubião, seis anos mais velho que Otto, a correspondência reunida em *Mares Interiores* dá conta de três períodos – aquele em que OLR está no Rio e Rubião em Minas (1945-1952); aquele em que ambos vivem na Europa trabalhando nas embaixadas brasileiras em Madri e Bruxelas (1957-1959); e o que Murilo se corresponde, de Belo Horizonte, com o Otto que está primeiramente em Lisboa e, mais tarde, no Rio (1966-1991). Nas três situações, Rubião aparece

diversas vezes como uma espécie de irmão mais velho, preocupado com o paradeiro de OLR e a demora do interlocutor em responder. A amizade dos dois começara em Belo Horizonte nos tempos de juventude a partir, como foi o caso dos "vintanistas", do interesse em literatura numa cidade que não tinha muitas opções para esse público no fim da década de 30 e começo dos anos 1940. Otto, Paulo, Hélio e Fernando tinham Rubião como alguém mais lido, no qual podiam confiar na recomendação de obras, como se Murilo também exercesse, em menor grau, o que João Etienne Filho fazia em maior escala pelos jovens da cidade principalmente a partir de sua coluna "Literária", em que publicava vários desses iniciantes. Rubião, por sua vez, fundaria mais tarde um dos veículos literários mais duradouros do estado, o Suplemento Literário de Minas Gerais, existente até a atualidade.

Mais uma vez, Otto utiliza-se da epistolografia para dar vazão aos seus ditos "mares interiores" e "abismos insuspeitados" – a dupla condição de auto-exílio ajuda o diálogo a seguir, diversas vezes, em uma linha sentimental e saudosa do Brasil. Mais ainda, os dois aproveitam para trocar originais e contar com críticas sobre o que escrevem. Assim vemos Otto comentar vários contos de Rubião que se tornariam famosos posteriormente, como "Os dragões" e "O ex-mágico da Taberna Minhota". Diz Otto, em novembro de 47, que "o 'ex-mágico' da Taberna Minhota' é o conto, talvez, que mais lembra nosso tio Kafka. Certamente, os críticos falarão demais em Kafka. Eu não sou crítico, felizmente". Em outro momento, em carta de 30 de setembro de 1948, Otto encontra oportunidade para aconselhar o amigo a mudar-se para o Rio.

> Para mim, foi ótima a mudança (Depois que escrevi, me perguntei, quase ao mesmo tempo: foi mesmo?). Mudar é muito bom. A gente arrasta para estas praias o cadáver mineiro e continua vivendo aqui, como aí, só que em outros quadros, quase sempre com mais movimento e mais sol, mais janelas, mais luz. Essencialmente, porém, se realmente se tem uma essência, não se modifica em nada. Nem nada passa. Nada passa, aliás, de maneira alguma. Tudo permanece. Pela vida afora, vamos amarrando cadáveres a nós mesmos, criando monstros a leite. Chegará o dia de sermos devorados. Adiamos essa devora com o vômito literário. Escrevemos para não sermos devorados (Alguém deve ter dito isso, mas é meu.). [...] B. Horizonte tem visgo. Comigo pelo menos, era assim: me apaixonava por um raiozinho de sol, um ventinho da avenida João Pinheiro, uma cicatriz num banco da praça da Liberdade, pelas folhas secas da rua Alagoas, por umas iniciais na calçada da rua Sergipe, pela paz de certo quarteirão espichado ao sol de três horas da tarde, com o preguiçoso cocó-ri-có de uma galinha mineiríssima. (LARA RESENDE In CABRAL, 2016, p. 49)

Nas cartas, como nas crônicas, Otto passeia pelos assuntos do cotidiano com leveza ao mesmo tempo em que se irrita, emociona-se e confessa diversas intimidades. É aí que se vê OLR mais comentar sobre suas obras, dar detalhes sobre o processo de produção e os percalços que o atormentam na escrita. A gestação de *O braço direito* é acompanhada por Sabino, que também é confidente do ressentimento de Otto com a má recepção dos contos de *Boca do inferno* – em uma das cartas, OLR xinga um dos resenhistas que lhe fizeram a caveira de "critocozinho filha da puta". Também a novela *A testemunha silenciosa* aparece em ocasiões diversas sob o nome de *O carneirinho azul*, história que também contou com a revisão de amigos e cujo desenvolvimento é possível observar na correspondência.

Otto cultivou o costume de escrever cartas até sua morte. Além delas, era adepto perene de bilhetinhos. A quantidade de ambos os textos motivaram a confissão para Rubião, em carta de janeiro de 1959.

> Quanto a escrever pouco, não importa. Ninguém se realiza pelo número de livros ou de páginas. Eu invejo os sóbrios, como você. O que importa é dar o recado, o mais breve possível, com o menor número de palavras. Infelizmente, minha família parece ser mais a dos loquazes e vivo lutando contra a prolixidade. (LARA RESENDE In CABRAL, 2016, p. 139)

4.3 Escrita como extensão da conversa

Se Otto Lara Resende conviveu tendo em torno de si uma fama que o apontava como figura acessível, loquaz, bem-humorada e de protagonismo sob os moldes da conversa, então são nas crônicas e cartas que essa habilidade encontra a correspondência certa na linguagem escrita. Em ambos os gêneros, Otto deixa transparecer uma intimidade constante em textos que em pouco lembram o ficcionista, seguindo um fluxo despreocupado, em que está livre das amarras típicas com que se debatia em correções e bloqueios constantes quando o assunto era a ficção. Os dois formatos, mais que simples formas de escrever, permitiam a OLR apresentar-se como um escritor que poucos conheciam, em um ambiente que de fato sentia-se à vontade. As crônicas e as cartas, no caso de Otto, funcionaram potencializando sua habilidade com a palavra falada e permitindo uma importante contribuição para ambos os tipos de texto.

Ainda que esses seus escritos dissessem bastante sobre a época que foram publicados, acompanhando as notícias, comentando a atualidade, não são raros os que sobreviveram bem ao tempo, dada a expansão do assunto particular até a expansão do tema, caso de *A universal Banana*. Ainda que a crônica, como gênero, apoie-se bastante em pequenas histórias do cotidiano, episódios fortuitos vividos pelo cronista nas ruas ou a observação de costumes, Otto consegue aliar essa tradição mais narrativa com questões do noticiário da época. Nas cartas, Otto contribui, a partir de uma correspondência vigorosa, com nomes importantes da literatura brasileira e ao entrar em pormenores íntimos, revela a importância do gênero. OLR, sem a pressão de ser publicado, pode se perder em pormenores cômicos, destrinchar a amizade que cultiva com seus interlocutores, escrever páginas reclamando de algum compromisso. Não por acaso, quando Fernando Sabino organizou suas cartas com OLR para publicá-las, Otto foi contra.

Como gênero que alcançou contornos próprios no Brasil, a crônica, em versão que ficou famosa principalmente pelas mãos de Rubem Braga, traz as aparentes "desimportâncias" do dia-a-dia na linguagem apurada de um observador que por vezes também toma parte na ação, faz apontamentos de cunho mais ou menos sentimental e fala bastante de si mesmo. A narrativa traz uma série de comparações, frases curtas e não raramente segue caminhos variados, pensamentos soltos, ramificando-se em diversas vias. O formato curto, diário, sempre atual, tem inevitável ligação com as plataformas jornalísticas em que surgiram. Ainda que vários desses textos sejam reunidos em edições posteriores, é inegável a aura de efemeridade que carregam, o que faziam Otto, aliás, não pretender publicá-los em livro, como diz em no posfácio de *Bom dia para nascer*: "Não tenho intenção de reunir em livro matéria de jornal" (LARA RESENDE, 2011, p. 429). A relação da crônica com a conversa enquanto modo menos engessado de se escrever é tratada pelo crítico Antonio Candido no seminal ensaio sobre o gênero, *A vida ao rés-do-chão* no volume *Para gostar de ler: crônicas*.

> Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. [...] deixando de ser comentário mais ou

> menos argumentativo e expositivo, para virar uma conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica pusesse de lado qualquer seriedade no tratamento de problemas. (CANDIDO In: DRUMMOND et al. 1984, prefácio)

Como "conversa aparentemente fiada", a relação da crônica com Otto Lara Resende não poderia ser mais natural. Interrompidos de súbito, os mais de 500 textos escritos religiosamente de segunda a sábado dão a impressão de que poderiam ter se estendido por outros anos com o mesmo sucesso. O Otto da crônica, atual, reminiscente, arguto, cômico, jovial e livre é um escritor que segue as vias da conversa sem grande pretensão, fundamentalmente direcionada ao interlocutor, buscando uma aproximação sem a qual o esforço não faz sentido. Há, nesses textos, um desejo de intimidade sem seguir as tradicionais formas do romance, dos livros de confissões e memorialística. A fórmula, nessas crônicas, segue a linguagem fácil, as afirmações categóricas sobre pequenos episódios do cotidiano, as situações aparentemente banais que, analisadas sob o "certo modo de ver" de Otto, criam simpatia. Também Davi Arrigucci Jr. aponta essas características em um ensaio sobre o gênero, dizendo que "A crônica se situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem simples e comunicativa o tom menor do bate papo entre amigos para tratar das pequenas coisas que forma a vida diária, onde às vezes encontra a mais alta poesia" (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 55). É o que aponta Werneck:

> Todo cronista é colunista, mas a recíproca não é verdadeira. Na página 2 que o Otto publicava, os autores das outras colunas falam como se estivessem em cima de um caixotinho, um pouco acima de você, olhando de cima pra baixo. Mas o Otto tinha a coisa do cronista genuíno. Ele está sentado aqui, do nosso lado, no meio fio. É capaz de criar uma intimidade com o leitor, mais que isso, uma cumplicidade. Quando leio um bom cronista, tenho a certeza de que ele escreveu só para mim. Ele tinha uma capacidade de falar de uma maneira que passa essa sensação de proximidade. [...] As crônicas eram um sucesso, porque eram muito conversa. Se tem uma coisa que é a boa crônica, na minha opinião, é uma boa conversa. Essa frase é fácil das pessoas entenderem errado. Porque não é um bate-papo, não é uma conversa alargadona, mas é uma conversa capaz de seduzir o leitor até a última linha. Como a crônica é curtinha, sua chance de seduzir é pequena. É a coisa do sedutor, que ele tinha. (WERNECK, 2017)

Nas cartas, vários dos mesmos indícios que levam à comparação com a conversa podem ser encontrados, a começar pela noção mais óbvia de interlocutor. Quando escreve para Sabino, Rubião ou qualquer outro amigo, Otto, um viciado nos rituais envolvidos na epistolografia, está fundamentalmente conversando. O diálogo, nesse caso, vem não só acompanhado de respostas

mais práticas às demandas do dia-a-dia, o que Otto trata com frequência, como também, em consonância com o que faz na crônica, é uma conversa a partir do formato, da estrutura e da liberdade de temas. Em um bate-papo ainda mais solto que o visto nas crônicas, livre dos cuidados da publicação, Otto quer dar notícia de sua vida, saber como passam os amigos, encontrar espaço para as próprias inquietações, confessar erros e pedir conselhos. OLR, nesses casos, preocupa-se não só em construir uma via dupla, em fazer perguntas e deixar espaço para seus interlocutores, mas também cultivar um novo tipo de intimidade. A carta, como formato que permite a troca refletida de sentimentos pela via escrita, cria novas formas de explorar a privacidade, característica que Otto conhecia e alimentava seu interesse obsessivo pelas missivas. É o que diz o filho, Bruno Lara Resende, nas memórias que guarda do pai.

> Lembro de uma imagem muito clara: ele escrevendo cartas e outras coisas na mesa, enquanto eu e meus irmãos ficávamos deitados no chão, desenhando. Ele de fato mergulhava nisso, gastava muito tempo respondendo as pessoas. Tenho para mim que escrever cartas é um meio de se descobrir outra pessoa enquanto conversa com seu interlocutor. (BRUNO LARA RESENDE, 2017)

O cronista e missivista Otto Lara Resende, assim, aparece como um autor privilegiado nesses gêneros tanto pela folclórica habilidade que carregava para conversar, quanto pelo conhecimento que tinha da palavra escrita, adquirida principalmente pela sua formação, os anos na imprensa e como ficcionista. Conversa e texto, nesse caso, completam-se, somam forças e criam uma relação recíproca de presença constante. Como diz Werneck:

> O Otto da conversa é o cara da carta e da crônica. É o Otto que está em contato com seu semelhante direto. É o Otto que está falando. (WERNECK, 2017)

5. CONCLUSÃO

Como a indagação feita por Paulo Mendes Campos, o trabalho começa e termina com a pergunta definitiva: “Quem é OLR?”. Inevitável reconhecer, após os diversos depoimentos e escritos pessoais consultados, que Otto Lara Resende, para muito além do escritor, jornalista e das outras mil ocupações que teve, era um ser humano que ultrapassava os limites do exímio conversador, sempre solar e disponível, para penetrar na complexidade obscura e reflexiva presente em suas angústias existenciais. Antes disso, no entanto, procurei saber de que forma se empregava a conversa de Otto, sua forma sedutora, seus caminhos enquanto humor e demonstração de espírito no dia-a-dia, no que fez a fama dessa figura.

Com base nos depoimentos, referências escritas e episódios revelados, é possível perceber que o Otto “capturado”, para manter a expressão de Humberto Werneck, tinha na célebre capacidade de conversar duas marcas registradas: o humor e a habilidade de condensar pensamentos em formulações rápidas, simples, certeiras, no que comumente era atribuído à sua genialidade. Ambas as características vinham de forma ágil, sempre precedidas de situações que fizessem dos apontamentos algo que dava ao bate-papo os contornos de obra pensada, ainda que viessem do improviso em sua maioria. O humor, nesse sentido, funcionava nas piadas, imitações e nos episódios representados, por exemplo, na história entre Otto e Nascimento Brito. Já a capacidade de dizer de forma clara e dita “genial” vinha principalmente das frases de efeito, sempre pensadas no momento, surgidas como lampejos de suas faculdades. Ajudavam essas duas características o fato de OLR ter tido uma grande experiência social, ter vivido em outros países, conhecido importantes nomes das artes e participado de diversos momentos importantes na imprensa brasileira. Sua destacada “curiosidade humana” também contribui na medida em que faz parte da relação pouco pomposa que tinha com o conhecimento e a forma de expressá-lo. Otto gostava, essencialmente, de conhecer e conversar com pessoas, dando atenção a todos, ouvindo problemas, escutando histórias, dando conselhos e adquirindo daí muito de sua *expertise* no trato com a palavra falada.

A maneira pela qual a conversa estende-se para a literatura, impressa nas crônicas e cartas, não podia ser mais natural. Antes de tudo, são os dois formatos, em sua natureza, bastante

influenciados pela lógica da oralidade. Nas missivas, conversamos com alguém definido previamente, damos notícias, fazemos perguntas sobre o cotidiano, damos detalhes de pequenas histórias. Temos a oportunidade de ser extremamente íntimos, como o faríamos se estivéssemos em uma conversa. Nas crônicas, a narrativa, bastante influenciada pelos jornais e pelas pequenas histórias do dia-a-dia, desimportantes à primeira vista, comportam-se como "conversa aparentemente fiada", em lógica que se alimenta da oralidade para se construir. Importante dizer que tanto em um estilo como no outro, é possível observar que a conversa não aparece apenas como transposição das ruas para o papel, uma vez que, nos textos, ela adquire novo formato, mais acabado, refletido, trabalhado. Otto, como o maníaco da revisão e do bom estilo, jamais se conformaria, para suas crônicas e cartas, com uma simples transcrição do desejasse dizer, em voz alta, aos leitores. Por sua vez, quando escreve um texto seguindo algum desses dois formatos, está aí uma prova tanto de liberdade com a estrutura, quanto de rigor técnico, boa redação e estilo apurado, lembrando o *causeur* em seu melhor estilo.

Quanto à personalidade do escritor e jornalista, fica claro que o personagem Otto Lara Resende, conhecido pela atitude sempre disponível e bem-humorada presente na conversa fiada dá lugar a uma personalidade que foge dos moldes imortalizados por Nelson Rodrigues. OLR, que via nas referências do amigo uma espécie de brincadeira e homenagem, tinha na conversa, por vezes, um motivo para se chatear, ficar indisposto, não desejar sair de casa. Mais que gostar de conversar, da companhia constante de amigos, das piadas e das frases, Otto gostava de ficar sozinho, se trancar, cultivar uma individualidade que muitas vezes descambava para os períodos de descrença e ceticismo. Sua natureza aponta para uma figura que não se esgota apenas nas referências que se têm até hoje publicadas sobre si.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Carlos Drummond et al. **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1984. v. 5, Prefácio.

ARRIGUCCI JÚNIOR., Davi. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.51-66.

BURKE, Peter. **A Arte da Conversação**, São Paulo: Editora Unesp, 1995.

CABRAL, Cléber Araújo (org.). **Mares Interiores: correspondência de Murilo Rubião & Otto Lara Resende.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, Editora UFMG, 2016.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MEDEIROS, Benicio. **Otto Lara Resende: a poeira da Glória**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaios**. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p.418-427.

PÉCORA, Alcir (org.). **A arte de conversar**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

RESENDE, Otto Lara. **O braço direito**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RESENDE, Otto Lara. **Bom dia para nascer: crônicas publicadas na *Folha de S. Paulo***. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RESENDE, Otto Lara. **O rio é tão longe: cartas a Fernando Sabino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RESENDE, Otto Lara. **Os quatro mineiros**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1981, 1 LP.

RODRIGUES, Nelson. **A cabra vadia: novas confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SABINO, Fernando. **Cartas na Mesa.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Tatiana Longo dos (org.). **Três Ottos por Otto Lara Resende**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.